



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Flávia Marlene Bento Sousa

**O PERFIL PSICOLÓGICO DE ABUSADORES
SEXUAIS DE MENORES NAS RELAÇÕES
INTRAFAMILIARES E EXTRAFAMILIARES**

**Dissertação no âmbito do Mestrado em Medicina Legal e Ciências
Forenses, orientada pela Professora Doutora Bárbara Cecília
Bessa dos Santos Oliveiros Paiva e pela *Co-orientadora Diana
Ribeiro Silva* apresentada à Faculdade de Medicina Universidade
de Coimbra.**

Dezembro de 2020

“As crianças precisam de ser crianças, amadas pelos seus pais, tendo a liberdade de brincar e explorar o mundo em cada fase do seu desenvolvimento”

Júlia Dutra

Agradecimentos

Começo com um profundo agradecimento a todas as pessoas que estiveram ao meu lado nesta caminhada importante, foram sem dúvida os meus alicerces durante estes anos.

Obrigada aos meus pais! Obrigada pelo incentivo que me transmitiram, pela ajuda na superação dos obstáculos que foram surgindo ao longo destes anos e, acima de tudo, obrigada por inculcaram-me os vossos valores e princípios, por fazerem de mim, a pessoa que sou hoje. Obrigada por ajudarem-me a realizar mais um sonho meu! Ser Mestre em Medicina Legal e Ciências Forenses!

Quero agradecer ao meu namorado e noivo, Bruno, por todo o apoio dedicado nesta minha longa caminhada! Obrigada por nunca desistires dos meus sonhos, por estares ao meu lado em todas as etapas, principalmente nesta etapa tão importante da minha vida! És o meu porto seguro e o meu anjo da guarda!

Quero agradecer às minhas orientadoras, Prof. Doutora Bárbara Oliveiros e Doutora Diana Ribeiro Silva, por todo o apoio incondicional, pela total disponibilidade de ambas, pela paciência que sempre tiveram para as minhas falhas, e por todo o incentivo que me transmitiram. Obrigada professora Bárbara Oliveiros e Diana Ribeiro Silva, por sempre terem acreditado nas minhas capacidades, por sempre terem exigido para ser cada vez melhor e sem dúvida por toda a sabedoria que me transmitiram.

À Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, a esta instituição que posso chamar de casa, que me acolheu durante 2 anos da minha vida. Aos professores que passaram pela minha vida académica e por tudo aquilo que me ensinaram durante a minha passagem por esta instituição. Obrigada Universidade de Coimbra! Obrigada professores de Medicina Legal e Ciências Forenses!

OBRIGADA!

O Perfil Psicológico de Abusadores Sexuais de Menores nas Relações Intrafamiliares e Extrafamiliares

Resumo

O objetivo do presente estudo será o de caracterizar os abusadores sexuais de menores intrafamiliares e os abusadores sexuais de menores extrafamiliares de acordo com o seu perfil psicológico e de personalidade. A amostra deste estudo foi recolhida no estabelecimento prisional de Coimbra e numa plataforma online e é constituída por 20 participantes do sexo masculino: 10 condenados por abuso sexual a menores divididos em dois grupos, intrafamiliares e extrafamiliares; 6 reclusos condenados por delitos menores e 4 participantes da comunidade. Os dados foram recolhidos através do preenchimento de 4 escalas: O Breve Inventário de Sintomas (BSI), Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores (NEO-FFI), a Escala de Impulsividade de Barrat (BIS) e a Escala de Autoavaliação da Psicopatologia - versão reduzida (SRP-SF). Os dados foram analisados através de testes não-paramétricos dado o número reduzido da amostra. Os resultados obtidos demonstram que os abusadores sexuais extrafamiliares apresentam uma maior tendência para a impulsividade. Para além disso, os resultados demonstraram também que os abusadores sexuais (intrafamiliares e extrafamiliares) demonstram menor impulsividade de planeamento e conscienciosidade em comparação com os reclusos condenados por delitos menores. Paralelamente, denotou-se uma diferença significativa dos resultados entre os abusadores sexuais de menores (intrafamiliares e extrafamiliares) e o grupo da comunidade, na qual apresentam diferenças significativas ao nível da depressão, hostilidade, psicoticismo, somatização, sensibilidade interpessoal, ansiedade fóbica, ideação paranoide, impulsividade, extroversão, amabilidade e conscienciosidade, o que vem demonstrar que os abusadores sexuais têm um maior número de sintomatologia psicopatológica.

Palavras-Chave: Abusadores sexuais de menores intrafamiliares; Abusadores sexuais de menores extrafamiliares; Perfil Psicológico; Personalidade.

Psychological Profile of Sexual Abusers of Children in Intra-Family and Extra-Family Relationships

Abstract

The aim of the present study will be to characterize the sexual abusers of intrafamily minors and the sexual abusers of extra-family minors according to their psychological and personality profile. The sample of this study was collected at the prison in Coimbra and on an online platform and consists of 20 male participants: 10 convicted for sexual abuse of minors divided into two groups, intra-family and extra-family; 6 inmates convicted of minor offenses and 4 community participants. Data were collected by completing 4 scales: The Brief Symptom Inventory (BSI), Five Factor Personality Inventory (NEO-FFI), the Barrat Impulsivity Scale (BIS) and the Psychopathy Self-Assessment Scale - version reduced (SRP-SF). The data were analyzed using non-parametric tests given the small sample size. The results obtained demonstrate that extra-family sexual abusers have a greater tendency towards impulsivity. In addition, the results also showed that sexual abusers (intra-family and extra-family) demonstrate less impulsiveness in planning and conscientiousness compared to prisoners convicted of minor offenses. At the same time, there was a statistically significant difference in the results between the sexual abusers of minors (intra-family and extra-family) and the community group, in which they present significant differences in terms of depression, hostility, psychoticism, somatization, interpersonal sensitivity, phobic anxiety, ideation, paranoid, impulsivity, extraversion, kindness and conscientiousness, which shows that sexual abusers have a greater number of psychopathological symptoms.

Key Words: Sexual abusers of intra-family minors; Sexual abusers of extra-family minors; Psychological Profile; Personality.

ÍNDICE

Capítulo I: Enquadramento Teórico	15
1. Abuso Sexual de Crianças	155
1.1. Conceito de Abuso Sexual de Crianças	155
1.2. Abuso Sexual de Crianças e Pedofilia	16
1.3. Abuso Sexual de Crianças na Legislação Portuguesa	17
2. Fatores de risco para o abuso	18
3. O Abusador Sexual de Crianças	20
3.1. Tipos de Abusador Sexual.....	20
3.1.1. O Abusador Sexual Intrafamiliar.....	21
3.1.2. O Abusador Sexual Extrafamiliar.....	24
3.2. Estudos comparativos entre o perfil de abusadores sexuais intrafamiliares e extrafamiliares	25
Capítulo II: Estudo Empírico	30
1. Objetivos e Hipóteses	30
2. Método	30
2.1. Participantes	30
2.2. Instrumentos	33
2.2.1. Variáveis Sociodemográficas e criminais/legais	33
2.2.2. Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI) – Derogatis, 1993.....	33
2.2.3. Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores (NEO-FFI) – Costa & McCrae, 1992	33
2.2.4. Escala de Impulsividade – (BIS-11) – Patton, Stanford & Barratt, 1995 – versão para investigação desenvolvida para português europeu por Cruz e Barbosa, 2012	34
2.2.5. Escala de Autoavaliação da Psicopatia - versão reduzida (SRP-SF) – Mahmut, Menictas, Stevenson & Homewood, 2011	34
2.3. Procedimento.....	35
2.4. Método Estatístico	36
3. Resultados	37
4. Discussão dos Resultados	45

Referências Bibliográficas

Anexos

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização Sociodemográfica da amostra.....	32
Tabela 2: <i>Caracterização do BSI na amostra global e em cada um dos subgrupos.....</i>	<i>37</i>
Tabela 3: <i>Caracterização do NEO-FFI na amostra global e em cada um dos subgrupos.....</i>	<i>38</i>
Tabela 4: Caracterização do BIS-11 na amostra global e em cada um dos subgrupos.....	38
Tabela 5: Caracterização do SRP-SF na amostra global e em cada um dos subgrupos.....	39
Tabela 6: Dimensões que apresentam diferença estatisticamente significativa entre os grupos.....	45
Tabela 7: Dimensões que apresentam diferença não estatisticamente significativa entre os grupos mas com valor-p inferior a 0,10.....	45

Lista de Abreviaturas

OMS - Organização Mundial de Saúde

DSM 5 – Manual de Diagnóstico e estatístico de transtornos mentais

M – Média

DP – Desvio-padrão

O Perfil Psicológico de Abusadores Sexuais de Menores nas Relações Intrafamiliares e Extrafamiliares

Introdução

Os maus-tratos infantis incluem diferentes formas de abuso, negligência ou abandono físico, psicológico e sexual ^[1]. O abuso sexual de crianças é apontado como um grave problema de saúde pública ^[2] e social ^[3]. De acordo com a literatura, a prática de abuso sexual contra crianças é um fenômeno universal, ocorrendo em todos os tempos e lugares e atingindo todas as classes socioeconômicas ^[4, 5]. Deste modo, o abuso sexual é um termo geral que descreve uma ampla gama de eventos que varia em termos de características, tal como a idade da vítima, o relacionamento que a vítima tem com o abusador ou o tipo de abuso ocorrido ^[6].

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) ^[7] “o abuso sexual infantil é o envolvimento de uma criança numa atividade sexual que ela não compreende completamente, é incapaz de dar consentimento informado ou que viole as leis ou tabus sociais da sociedade”.

A maioria dos abusos sexuais cometidos contra crianças ocorre dentro de casa, sendo perpetrado sobretudo por pessoas próximas, que desempenham um papel de cuidador, denominados de intrafamiliares ou incestuosos ^[8,9,10]. Ou seja, o abuso intrafamiliar é perpetrado por um abusador que assume um papel familiar na vida da criança; i.e., possui laços de consanguinidade com a vítima (e.g. pai, irmão, avô, tio, primo) ou é considerado como sendo “parte da família” (e.g. padrasto, namorado da mãe) ^[11]. Por seu turno, o abuso extrafamiliar, tal como o nome indica, é aquele que ocorre fora do círculo familiar, sendo cometido principalmente por conhecidos, amigos da família, figuras de autoridade ou estranhos, não sendo parentes biológicos da vítima, nem assumindo qualquer papel familiar ^[5].

A investigação científica sugere que os abusos intrafamiliares são mais frequentes e também mais graves em termos das consequências para a criança vitimizada do que os abusos extrafamiliares ^[12]. Justifica-se assim a necessidade de estudar fatores relacionados com a dinâmica familiar, bem como as respetivas consequências do tipo de abuso para o desenvolvimento socioemocional das crianças vitimizadas ^[8,3].

A maioria dos estudos no âmbito do abuso sexual incide nas crianças vitimizadas ou na caracterização sociodemográfica dos abusadores ^[4,13]. No entanto, é possível verificar que existem estudos sobre o perfil psicológico de abusadores sexuais de menores nas relações intrafamiliares e extrafamiliares ^[14,15]. Apesar desses estudos procurarem traçar o perfil psicológico do abusador sexual ^[16,17,18], não existe consenso quanto a esse perfil ^[19,20].

Uma vez que a maior parte dos estudos concentram-se particularmente nas vítimas, esta investigação tem como objetivo compreender, de forma mais pormenorizada, o fenómeno do abuso sexual infantil com foco no perfil psicológico do abusador, quer nas relações intrafamiliares quer nas relações extrafamiliares. Nomeadamente, esta investigação foca-se no estudo das características dos abusadores sexuais adultos e nas circunstâncias que envolvem a perpetração do abuso sexual. Esta investigação pretende desta forma contribuir para a literatura científica sobre a temática do abuso sexual de menores, fornecendo igualmente pistas para a sua prevenção, avaliação de risco, tratamento e redução de reincidência ^[21].

Deste modo, no que concerne à sua estrutura, esta dissertação está dividida em 2 capítulos. O primeiro capítulo inclui o enquadramento teórico do tema em estudo, onde será dado destaque ao conceito de abuso sexual de crianças; à diferença entre abuso sexual de crianças e pedofilia; ao enquadramento legal do abuso de crianças na Legislação Portuguesa; a alguns estudos sobre o abusador sexual de crianças; e aos tipos de abusador sexual, ou seja, o abusador sexual intrafamiliar e o abusador sexual extrafamiliar.

O segundo capítulo desta dissertação integra um estudo empírico, onde serão descritos: os objetivos e as hipóteses; a metodologia adotada (i.e., o desenho do estudo, os participantes, os instrumentos de avaliação e os procedimentos de recolha de amostra e de tratamento de dados); os resultados obtidos e a sua discussão. Por fim, a dissertação é finalizada com uma reflexão final acerca do estudo realizado.

Capítulo I: Enquadramento Teórico

1. Abuso Sexual de Crianças

1.1. Conceito de Abuso Sexual de Crianças

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS) “os maus tratos à criança são todas as formas de lesão física ou psicológica, abuso sexual, negligência, exploração comercial ou outro tipo de exploração, que resultem em danos atuais ou potenciais para a saúde da criança, a sua sobrevivência, desenvolvimento ou dignidade num contexto de uma relação de responsabilidade, confiança ou poder” [22]. Deste modo, os maus-tratos infantis incluem diferentes formas de abuso físico, sexual, psicológico, bem como negligência ou abandono.

O abuso sexual de crianças é um termo geral que descreve uma ampla gama de eventos que variam em termos de características, tais como a idade da vítima, o tipo de relacionamento com o abusador ou a tipologia de abuso sexual [6]. Apesar de existir alguma dificuldade em definir o conceito de abuso sexual [23] uma das definições mais consensuais da literatura é proposta pelo National Center on Child Abuse and Neglect (NCCAN), que define o abuso sexual de crianças como *“quaisquer contactos ou interações entre uma criança e um adulto, quando a criança é usada para satisfação sexual do abusador ou de outra pessoa. O abuso pode ser cometido entre menores, desde que o agressor seja significativamente mais velho que a vítima, ou está numa posição de poder e controlo sobre a outra criança”* [24].

Já para Haugaard [25] a dificuldade na definição dos abusos sexuais de crianças advém sobretudo de três ordens de razão. Em primeiro lugar, pelo facto de o termo abuso sexual ser utilizado em diversas áreas disciplinares, que pela sua especificidade, se focam em objetivos distintos. Em segundo lugar, pela dificuldade em definir-se, ao longo de um continuum comportamental, onde começam os abusos sexuais de crianças (e.g. um pai tomar banho com a sua filha de 2 anos ou um pai tomar banho com a sua filha de 14 anos). Por último, pela necessidade prévia de contextualizar o comportamento para o definir, ou não, como abusivo (por exemplo, um pai massajar a parte superior das coxas da filha de 10 anos todas as noites ou um pai massajar a parte superior das coxas da filha de 10 anos depois de um jogo de vólei intenso).

Paralelamente, a definição elaborada por Finkelhor [26] surge também em destaque na literatura: “o abuso sexual de crianças inclui todo um espectro de crimes e infrações sexuais a crianças” [26]. Esta definição inclui todo o tipo de abusadores sexuais (i.e., intra e extrafamiliares), assim como todo o espectro de crimes e infrações a crianças, tal como o exibicionismo, o uso de crianças para a produção de pornografia, tipos de infração de crime sexual como o toque/carícia sexual e atos de penetração [26].

Para Motz ^[27], a definição de abuso sexual infantil considera os seguintes aspetos: uma diferença de idades entre o abusador e a vítima igual ou superior a cinco anos; comportamentos sexuais específicos que podem envolver contacto físico (e.g. carícias, sexo oral, tocar nos órgãos genitais da criança, penetração de dedos, objetos ou pénis), forçar a criança a tocar-se ou tocar no abusador (contacto físico) ou não englobar qualquer contacto físico (e.g. fotografias ou vídeos, exibicionismo, assédio).

Relativamente à idade da vítima, para ser considerado abuso sexual de crianças, alguns autores consideram que a criança tem de ter até 12 anos de idade ^[28], outros até 14 anos ^[29,30], outros ainda consideram que esta tem de ser menor de 18 anos ^[26].

A relação existente entre o abusador sexual e a criança caracteriza-se por uma desigualdade de poder, pautada pela coerção física e/ou psicológica do abusador sobre a criança, a qual se encontra numa fase de desenvolvimento que não a capacita de autodeterminação sexual ^[8,31,32].

Uma vez que o conceito de abuso sexual e pedofilia são frequentemente empregues de forma indiscriminada, seguidamente é apresentada a distinção clínica e legal destes termos.

1.2. Abuso Sexual de Crianças e Pedofilia

Tanto a nível nacional como internacional, existem casos de divulgação de abusos sexuais contra crianças e adolescentes, sendo comum que se utilizem indiscriminadamente os conceitos de abuso sexual infantil e pedofilia, principalmente pelos *media* ^[33,34,35]. No entanto, estes termos têm definições e implicações clínicas e legais distintas.

Como já referido, abuso sexual implica um “espectro de crimes e infrações sexuais a crianças” ^[26]. Por seu turno, a palavra pedofilia, composta por 2 termos de origem latina, *pedeiktos* (i.e. criança) e *philia* (i.e. amor, apego e atracão), remete para um quadro psicopatológico ^[36,37]. Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais - DSM-5 ^[38] a pedofilia enquadra-se nas parafilias, sendo que para um diagnóstico de pedofilia o indivíduo tem de preencher os três critérios seguintes: A) fantasias sexualmente excitantes, impulsos sexuais ou comportamentos, recorrentes e intensos, envolvendo atividade sexual com uma criança ou crianças pré-púberes (geralmente com 13 anos ou menos), por um período de pelo menos seis meses; B) o indivíduo atuou de acordo com estes impulsos sexuais, ou os impulsos sexuais ou as fantasias provocam intenso mal-estar ou dificuldades interpessoais; C) o indivíduo tem pelo menos 16 anos e é pelo menos mais velho do que a criança ou crianças do critério 1. Acrescenta-se ainda que os indivíduos que se encontram no final da adolescência envolvidos num relacionamento sexual continuado com uma criança de 12 ou 13 anos, não devem ser diagnosticados com esta parafilia. A pedofilia

pode ainda ser especificada como exclusiva (quando o indivíduo se sente unicamente atraído por crianças) ou não-exclusiva (quando o indivíduo se sente atraído também por adultos). Em síntese, a pedofilia é uma categoria clínica de diagnóstico, enquanto abuso sexual é um léxico legal que corresponde a um crime. Assim, ao contrário de algumas crenças populares ou relatos nos *media*, um abusador sexual de crianças não tem, necessariamente, pedofilia, assim como, um indivíduo com pedofilia não irá inevitavelmente cometer um crime de abuso sexualmente de menores [4,15, 39,40]. São, portanto, conceitos distintos, embora possam coexistir.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, os maus tratos contra crianças, nomeadamente o abuso sexual, são um problema de saúde pública mundial, pelo que seguidamente é descrita a tipificação do abuso sexual na Legislação Portuguesa.

1.3. Abuso Sexual de Crianças na Legislação Portuguesa

O abuso sexual de crianças é considerado crime na maioria dos países, embora o enquadramento de abuso sexual e as consequentes penalizações divergem de país para país.

Deste modo em Portugal, de acordo com o Código Penal [41], o crime de abuso sexual de crianças é definido nos termos do artigo 171º como “quem praticar ato sexual de relevo com ou em menor de 14 anos, ou o levar a praticá-lo com outra pessoa, é punido com pena de prisão de um a oito anos”, (Capítulo V, secção II - Crimes contra a Autodeterminação Sexual). O artigo 171º prevê quatro crimes distintos. O crime de prática de ato sexual de relevo que consiste em cópula, coito anal, coito oral ou introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objetos, no qual o agente é punido com pena de prisão de três a dez anos. O crime de importunação sexual, ou seja, quem importunar outra pessoa, praticando perante ela atos de carácter exibicionista, formulando propostas de teor sexual ou constrangendo-a a contacto de natureza sexual é punido com pena de prisão até 1 ano ou com pena de multa até 120 dias, se pena mais grave lhe não couber por força de outra disposição legal, i.e., atos de carácter exibicionista, propostas de teor sexual e/ou constranger a pessoa a contato de natureza sexual. Por fim, o crime de atuação por meio de conversa, escrito, espetáculo ou objetos pornográficos (i.e., o legislador exige respetivamente, uma forma de comunicação, um texto redigido, uma representação por qualquer meio de um ato, e uma coisa material, apreensível pelos sentidos, sejam levados a cabo de modo a excitar sexualmente a criança [41].

Relativamente à prática de ato sexual de relevo com menores entre os 14 e 16 anos, este encontra-se previsto no artigo 173º, nos crimes de atos sexuais com adolescentes. Deste modo, “quem, sendo maior, praticar ato sexual de revelo com menor entre 14 e 16 anos, ou levar a que ele seja praticado por este com outrem, abusando da sua inexperiência, é punido com pena de prisão até 2 anos”, (Capítulo V, secção II – Crimes contra a Autodeterminação

Sexual). O artigo 173º prevê que “se o ato sexual de relevo consistir em cópula, coito oral, coito anal ou introdução vaginal ou anal de partes do corpo ou objetos, o agente é punido com pena de prisão até 2 anos.”

Tendo em conta esta moldura penal, no presente estudo considera-se abusador sexual de crianças, os sujeitos que perpetraram o crime contra uma criança menor de 14 e/ou 16 anos, incluindo todos os tipos de abuso, conforme previsto no Código Penal Português ^[41].

2.Fatores de risco para o abuso

Os abusadores sexuais têm vindo a constituir um desafio para os investigadores devido à complexidade de fatores de risco que possuem. Várias investigações têm surgido com o objetivo de ir desvendando os fatores de risco dos abusadores sexuais uma vez que, é através do seu conhecimento, que se torna possível identificar as necessidades sobre as quais é necessário intervir de forma a prevenir a reincidência dos indivíduos que cometem este tipo de crimes ^[42].

Neste sentido, os fatores de risco dizem respeito às características dos indivíduos e às circunstâncias que estão associadas ao aumento da probabilidade de praticar um crime no futuro ^[43,44].

Os fatores de risco podem ser de vários domínios, tais como, familiares, individuais, ou associados à escola, grupo de pares e comunidade ^[45].

Deste modo, no que diz respeito aos fatores de risco familiares, vários estudos demonstraram a existência de uma relação entre o funcionamento familiar e a ocorrência de abuso sexual. Nos estudos de Farrington ^[46], os fatores de risco familiares como os baixos níveis de supervisão parental, a pertença numa família numerosa, estilos educativos inconsistentes, antecedentes criminais e psiquiátricos na família podem estar relacionados com a ocorrência de abuso sexual.

Relativamente aos fatores de risco individuais, estes encontram-se divididos ao nível do desenvolvimento cognitivo e psicossocial. Em relação ao nível cognitivo, a literatura aponta que fatores como o quociente intelectual baixo, a reduzida empatia e a elevada impulsividade podem estar relacionadas com a ocorrência do abuso sexual ^[47]. Outros autores também defendem que os abusadores utilizam formas de pensar pouco eficazes e têm falta de capacidade de resolução de problemas, sobretudo em situações interpessoais, uma vez que são indivíduos autocentros e insensíveis ^[48]. Algumas variáveis cognitivas, como os padrões de pensamento desinibido e pensamentos e atitudes negativas para com as vítimas, bem como a presença de pensamentos negativos (e.g. raiva, frustração, rejeição, solidão, depressão) também são apontadas como fatores de risco para a ocorrência de abuso sexual ^[49]. A agressividade é descrita como uma característica de orientação antissocial ou

instabilidade no estilo de vida. De facto, alguns estudos afirmam que os abusadores tendem a ser associados a um conjunto de comportamentos abusadores agressivos que se caracterizam pela impulsividade e imprudência, tais como consumo excessivo de bebidas alcoólicas, mudanças frequentes de humor e envolvimento em confusões ^[50]. Ao nível psicossocial, segundo Reiss e Farrington ^[51], os abusadores sexuais apresentam fracas competências sociais, inserindo-se, sobretudo, em grupos delinquentes. Para Andrews, Bonta & Wormith ^[52], verifica-se conseqüentemente um isolamento face aos indivíduos normativos, apresentando-se a associação como um suporte social imediato para o crime.

Salter, McMillan, Richards, Talbot, Hodges, Hastings, Stevenson & Skuse ^[53] afirmam que alguns fatores parecem influenciar a relação entre experiências de abuso sexual e cometer o crime. Esses fatores são a rejeição emocional por parte dos pais, a negligência parental e o experienciar e testemunhar violência física (e.g. violência doméstica do pai contra outros membros da família). Neste sentido, é difícil determinar se as experiências de abuso sexual infantil possuem uma associação única com o cometimento de crimes sexuais, uma vez que, em muitos casos, o historial de abuso sexual faz-se acompanhar de outras experiências árduas na infância daquele indivíduo. Assim, abusadores sexuais demonstram outros tipos de problemas comportamentais, como o abuso de substâncias e a prática de diferentes tipos de crime ^[34,54]. Habigzang, Koller, Azevedo & Machado ^[8] investigou o uso de álcool e de outras substâncias e concluiu que 53,2% dos abusadores consumia álcool e 27,7% destes abusava de outra substância tóxica.

Um outro aspeto que tem vindo a ser estudado na população de abusadores, como fator de risco, são as distorções cognitivas ^[55,56]. Estas distorções apresentam com frequência um historial de pensamentos negativos auto perpetuados que vão influenciar o comportamento, desenvolvendo no indivíduo um modo distorcido de se ver a si, aos outros e ao mundo em geral. Esse funcionamento cognitivo vai, assim, possibilitar a racionalização, justificação e minimização dos atos que praticam, verificando-se um sentimento de “direito” de praticar esses atos ^[55,57]. Isto é, Pereira ^[55] afirma que o abusador sexual de crianças pode percecioner a informação de uma maneira desadaptada, de acordo com as suas crenças, e que é isso que os precipita para abusar sexualmente. Deste modo, não se pretende passar a ideia de que as distorções cognitivas sejam a causa direta do comportamento sexual desviante do abusador sexual, mas sim que as utiliza como um “meio” para justificar o seu comportamento, que serve para manter esse mesmo comportamento.

Em conclusão, importa ressaltar que as crenças distorcidas, que são presentes em alguns abusadores sexuais de menores, não se encontram somente relacionadas com as cognições. Além disso, pode encontrar-se no indivíduo, uma série de dificuldades emocionais, como a

existência de processos de empatia reduzidos, que ajudam a manter essas crenças ^[58].

3.0 Abusador Sexual de Crianças

3.1. Tipos de Abusador Sexual

Os abusadores sexuais de crianças são um grupo heterogêneo que pode ser classificado de acordo com várias categorias. É de extrema importância que se desenvolvam tipologias acerca dos diferentes tipos de abusadores, uma vez que, com a sua identificação e caracterização, é possível dividi-los em subgrupos e conhecer as características específicas de cada um, proporcionando uma intervenção mais individualizada e adequada. Acrescenta-se ainda a utilidade que a categorização tem em termos de investigação criminal (e.g. avaliação do comportamento sexual ofensivo futuro, ao nível da reincidência) ^[56]. Assim, os abusadores sexuais de menores podem ser divididos quanto: ao género da vítima, à violência que exercem, e à relação que têm com a criança.

Existem autores que dividem os abusadores sexuais de crianças de acordo com o género da vítima. Fitch ^[59] concluiu que os abusadores que vitimizam crianças do género masculino apresentam o dobro da probabilidade de reincidirem comparativamente aos que vitimizavam raparigas. Simons e Tyler ^[60] sugerem que os abusadores que abusam de ambos os géneros apresentam vítimas em maior número, bem como um maior risco de reincidência em comparação com os abusadores que apenas vitimizam um dos géneros

Outra divisão de abusadores sexuais de crianças encontrada na literatura baseia-se em aspetos motivacionais, descrição dos afetos e comportamentos através dos quais o sujeito expressa as suas motivações ^[61]. Tendo em consideração estes fatores, Groth ^[62] divide os abusadores quanto à violência que exercem sobre a vítima, em atentado ao pudor ou violação. Os indivíduos que se inserem na categoria de atentado ao pudor tendem a seduzir e persuadir a vítima, recorrendo à manipulação emocional e verbal (e.g. demonstra preocupação e amor à criança, assegurando-a que não a irá abandonar), mantendo desta forma uma relação contínua, proporcionando em simultâneo com o abuso, sentimentos de importância e amor. Na violação, os abusadores recorrem a agressões físicas, intimidação e ameaças para obter o que querem por parte da vítima, a qual é tratada como um objeto sexual. Nestes casos, usualmente o abusador não estabelece uma relação com a criança ^[63].

Na literatura, é hábito os abusadores sexuais de crianças serem divididos em duas categorias tendo em conta a relação que o abusador estabelece com a criança. Assim, o abuso sexual intrafamiliar é aquele que é perpetrado por um indivíduo que assume um papel familiar na vida da criança, sem obrigatoriedade de laços biológicos (e.g., pais, tios, padrastos, ...). Por seu turno, o abuso extrafamiliar é aquele que é perpetrado por um indivíduo que abusa

fora do seu círculo familiar [10]. A classificação dos abusadores sexuais de menores em intrafamiliares e extrafamiliares é das mais utilizadas na literatura e também aquela que parece apresentar maior utilidade clínica [63].

Uma vez que a maior parte da literatura se foca nos abusadores intrafamiliares e extrafamiliares, é importante apresentar os dados da investigação que caracterizam cada uma destas tipologias.

3.1.1.O Abusador Sexual Intrafamiliar

O abuso sexual infantil intrafamiliar é um dos diversos tipos de violência à qual a criança poderá ser exposta no seu lar. Este tipo de abuso foi praticado ao longo dos tempos, sem distinção de raça, etnia, cor ou condição social, ocorrendo de forma velada, sendo que na maioria das vezes não é relatada às entidades competentes [64].

Este tipo de abusos, também denominados na literatura como incestuosos, na maioria são perpetrados dentro de casa, por pessoas próximas que desempenham um papel de cuidador [8,13]. Koçturk & Yuksel, (2019) afirmam que no caso dos abusos sexuais intrafamiliares, os perpetradores são geralmente os pais biológicos da criança. No entanto, Cunha [65] afirma que o abuso sexual intrafamiliar apesar de supor ou implicar uma afinidade biológica/genética entre o adulto e a criança, mais ou menos afastada, ela costuma integrar qualquer indivíduo que assuma um papel familiar na vida da criança, como sendo um padrasto ou pai adotivo. Deste modo, este tipo de abuso inclui, não só elementos que possuem laços de consanguinidade com a criança (tio, primo, avô, pai) mas também adultos que sejam responsáveis pela criança e assumam a função de cuidadores (i.e. tutor, cuidador, membro da família ou familiar à criança, padrastos, namorados ou companheiros que moram junto com a mãe) [8]. No entanto, para Balbinotti [64] o abuso sexual é considerado intrafamiliar apenas quando os abusadores possuem laços biológicos ou adotivos com a criança vitimizada.

De acordo com a literatura, o abuso intrafamiliar tende a prolongar-se mais no tempo, verificando-se maior frequência nos episódios abusivos [13]. Também segundo Sequeira [10], o abusador não comete o delito uma única vez, mas sim várias, vitimizando mais as crianças. O abusador sexual intrafamiliar tende a vitimizar mais raparigas do que rapazes, sendo comum que o abuso tenha início por volta dos 7/8 anos de idade [55]. Relativamente à idade do abusador, este começa mais tarde a abusar sexualmente, sendo esperado que seja casado ou que viva em união de facto [10].

Machado [39] afirma que o abusador sexual intrafamiliar tem tendência a cometer o abuso devido ao fácil acesso às vítimas e à vulnerabilidade das mesmas.

O abuso sexual intrafamiliar é intrigante do ponto de vista biológico e sociológico, devido à prevenção do incesto (comportamento sexual entre familiares próximos, i.e. irmãos) e a um

forte tabu do incesto entre culturas e épocas (regras ou normas culturais que desencorajam relações sexuais entre familiares) ^[15]. Alguns estudos sugerem que as atitudes e crenças patriarcais, a congruência emocional com crianças, as dificuldades na infância devido a abuso sexual, a falta de apego dos pais, os défices interpessoais e a psicopatologia são fatores importantes para explicar o abuso sexual intrafamiliar infantil ^[15]. A justificação para as quatro primeiras explicações deve-se ao facto de os abusadores sexuais intrafamiliares recorrerem às crianças para atender às suas necessidades sexuais ou emocionais, possivelmente porque, para alguns, eles mesmos foram vítimas de incesto. A justificação para as restantes explicações (défices interpessoais e psicopatologia) deve-se ao facto de os abusadores sexuais intrafamiliares serem menos capazes de buscar oportunidades sexuais fora do seu círculo familiar devido a défices interpessoais ou psicopatologia e, portanto, “mantêm-no em família”, porque não têm oportunidade de abusar sexualmente de vítimas extrafamiliares.

Segundo Johnson, Underwood, Baum & Newmeyer ^[5], o abuso intrafamiliar é geralmente menos invasivo e forçado do que nos casos do abuso extrafamiliar. No entanto, o abuso intrafamiliar é emocionalmente mais intrusivo quando o abusador é um pai biológico. Ou seja, a relação de poder entre o perpetrador e vítima coloca-a numa situação de intenso sofrimento uma vez que, o vínculo que se estabelece entre ambos passa a desenvolver-se de forma perversa. Isto é, a situação que gera sofrimento, ocorre num contexto afetivo (*i.e.* contexto familiar), originando uma série de sentimentos afetivos ambivalentes na criança ^[66].

Este tipo de abusador sexual costuma oferecer presentes e fazer carícias, e à medida que vai conquistando a criança vai desenvolvendo os atos. Posteriormente, quando a criança se apercebe da anormalidade dos atos, o abusador tende a culpabilizar a criança por esta ter aceitado os presentes ^[67].

A família ocupa uma posição significativa nos casos de violência sexual infantil, o que é relevante, pois este deveria ser o grupo social acolhedor e seguro, e passa a constituir um ambiente de terror e sofrimento ^[66]. Isto é, alguns estudos indicam que o abuso sexual intrafamiliar pode causar maior trauma e mais consequências nefastas ao longo da vida da criança vitimizada do que o abuso extrafamiliar ^[13]. Ou seja, a criança ser vítima de abuso sexual por alguém que é suposto amá-la e protegê-la, faz com que denunciar o abuso não seja assim tão simples. Nestes casos, o abuso sexual intrafamiliar é desencadeado e mantido por uma dinâmica complexa, chamada “Síndrome do Segredo”, bastante comum, e que está relacionada com a psicopatologia do abusador que, por gerar uma intensa rejeição emocional, tende a se proteger numa teia de segredo, mantido à custa de ameaças à criança ^[64]. Nesta dinâmica, que enclausura as crianças no silêncio, estão implicados fatores internos e fatores externos à própria situação abusiva ^[68,69,70].

Relativamente aos fatores internos destacam-se três dinâmicas que reforçam o segredo [68,69,70] : a) a ocorrência do abuso em contexto com poucos estímulos sensoriais (e.g. a ausência de terceiros, ambientes com pouca luz e sem se verificar contacto ocular); b) a “transformação do abusador noutra pessoa”, que resulta da modificação do seu comportamento habitual quando da situação abusiva, quer no que diz respeito ao tom de voz e aos padrões de linguagem, quer no que concerne à linguagem não verbal (gestos e expressão facial); c) introdução de “rituais de entrada e de saída” da situação abusiva (frases, ordens, comportamentos e atitudes estereotipados) que, ao delimitar espacial e temporalmente o abuso alimentam nas crianças a sensação de que o que vivem naquele contexto é distinto da sua experiência comum de vida e, por isso, potencialmente irreal [68,69,70].

No que diz respeito aos fatores externos, salienta-se: a) a falta de evidências médicas que fundamentam o abuso; b) o insucesso de tentativas anteriores de revelação; c) as ameaças, estratégias de manipulação e violência utilizadas pelo abusador; d) o medo que as crianças sentem em relação às consequências que podem resultar da revelação, para si próprias, para as suas famílias e para o abusador [68,69,70]. Estas dinâmicas, levam muitas vezes as crianças a experienciar variados estados de consciência e/ou processos dissociativos, corporais e psicológicos. Isto deve-se muitas vezes à única forma que encontram para lidar com o sofrimento intenso provocado por uma situação de abuso que não compreendem e não são capazes de integrar [68,69,70].

No que diz respeito às crenças enraizadas que facilitam o cometimento do crime, estudos indicam que estas constituem fatores de risco no que toca ao abuso sexual infantil intrafamiliar. No estudo de Wakeling, Webster, Moulden e Marshall [71], foram entrevistados sujeitos que abusaram sexualmente das filhas e enteadas e as conclusões que os autores chegaram foram que a maioria possuía distorções cognitivas que facilitaram o crime. No estudo de Pereira [55], que comparou abusadores intrafamiliares e extrafamiliares, não foram encontradas diferenças no que toca à presença de distorções cognitivas entre estes dois grupos, embora ambos tenham apresentado distorções cognitivas que poderão ter facilitado o abuso.

No entanto, grande parte dos estudos presente na literatura sugere que os abusadores sexuais de crianças extrafamiliares são os que tendem a apresentar com mais frequência distorções cognitivas, facilitadoras do abuso sexual infantil, quando comparados aos abusadores sexuais de crianças intrafamiliares [15]. Um exemplo dessa conclusão, é o estudo de Seto e seus colaboradores [15] que concluiu que os abusadores sexuais extrafamiliares demonstravam com mais frequência atitudes e crenças facilitadoras da prática do crime do que os intrafamiliares.

Assim, o abuso sexual infantil intrafamiliar é um tipo de abuso que difere consideravelmente de outras formas de abuso sexual infantil, sendo considerado o mais prevalente e nefasto pela maioria dos estudos [5,8,72,73,74,75].

Investigações afirmam que os indivíduos que cometem abusos sexuais no seio familiar (intrafamiliares) possuem problemas de ordem moral, social e psicológica, tornando-se incapacitados para apreender as representações, os sentimentos e os pensamentos do outro [13,66]. Neste sentido, a dinâmica familiar nos casos de violência sexual ocorre de forma desorganizada, confusa e doentia [13].

3.1.2.O Abusador Sexual Extrafamiliar

Apesar de existir uma percentagem significativa de abusadores sexuais intrafamiliares, também amigos, conhecidos, vizinhos ou estranhos podem abusar sexualmente de crianças [76]. Assim o abuso sexual extrafamiliar é aquele que é perpetrado por um indivíduo que abusa fora do seu círculo familiar [10].

De acordo com a literatura, cerca de 60% das crianças são abusadas sexualmente por conhecidos da criança, vizinhos ou conhecidos dos pais, enquanto apenas 14% das crianças são abusadas sexualmente por um desconhecido [26]. Ou seja, as investigações acerca de abusadores sexuais extrafamiliares são limitadas em comparação às investigações que se focam no abusador intrafamiliar ou em abusadores que assumem um papel de autoridade nas várias instituições onde as crianças estão inseridas [74].

Relativamente à duração dos abusos sexuais nas relações extrafamiliares, estes têm tendência a durar menos tempo ocorrendo noutros locais que não o lar da vítima [15,26]. Paralelamente, os abusadores extrafamiliares têm tendência a abusar de mais crianças do que os abusadores intrafamiliares [15]. Este tipo de abusadores apresenta também défices de competências de relacionamento íntimo e solidão [77].

O abusador sexual extrafamiliar tende a ter uma orientação sexual homossexual ou bissexual, enquanto o abusador intrafamiliar tende a ser heterossexual [76]. Segundo um estudo recente, enquanto o abusador intrafamiliar tende a vitimizar raparigas, o abusador extrafamiliar vitimiza com mais frequência rapazes [74].

Finkelhor [26] afirma que os abusadores sexuais extrafamiliares tendem a perpetrar os atos abusivos mais intrusivos, como a penetração vaginal e anal e a manipulação genital.

Em relação às distorções cognitivas, Pereira [55] afirma que os abusadores sexuais extrafamiliares demonstram um maior número de distorções cognitivas, do que os abusadores sexuais intrafamiliares.

Segundo o estudo de Smallbone & Wortley [75], as técnicas utilizadas pelos abusadores sexuais extrafamiliares no passado, consistiam na maior parte das vezes em tornarem-se

amigos dos pais ou cuidadores da criança que queriam vitimizar. Segundo esse mesmo estudo ^[75], as técnicas dos abusadores sexuais extrafamiliares para envolverem as crianças nas atividades do abuso sexual, focavam-se em dar muita atenção à criança (55.9%), outros tocavam nas crianças de forma não sexual (54.2%) e progressivamente, passavam para toques sexuais (49.2%). Taveira, Frazão, Dias, Matos & Magalhães ^[3] afirmaram que os abusadores sexuais extrafamiliares comparativamente aos abusadores intrafamiliares tendem a perpetrar atos abusivos mais intrusivos como a tentativa ou prática de penetração anal ou vaginal e a manipulação genital.

Uma vez que a *Internet* é uma rede de fácil acesso e mais cômoda, Crosson-Tower ^[76] reconhecem que as crianças são um grupo vulnerável para a realização deste abuso. Assim, a técnica de muitos abusadores sexuais, mudou relativamente ao século passado. Atualmente, uma vez que as crianças, cada vez mais utilizam a internet, muitos dos abusadores sexuais recorrem ao seu uso para conhecer e aceder a crianças.

Segundo Rodrigues ^[77], os abusadores de crianças extrafamiliares parecem ter maior identificação emocional com crianças do sexo masculino do que com outros grupos de ofensores sexuais, com idade inferior a 12 anos, demonstrando interesse sexual exclusivo ou preferencialmente por menores, o que vai mais ao encontro da condição clínica de pedofilia.

3.2. Estudos comparativos entre o perfil de abusadores sexuais intrafamiliares e extrafamiliares

A maioria dos estudos focam-se sobretudo nas características demográficas dos abusadores sexuais de crianças (i.e., nível de escolaridade; estado civil) ^[4,13]. Estes estudos indicam que a maioria dos abusadores sexuais de menores são homens, embora dados do *National Crime Victimization Survey* indicam que 3,5% de mulheres abusam sexualmente de menores ^[23,26,33]. O estudo de Koçturk & Yuksel ^[13] refere também que 6,5% dos abusadores são do género feminino, enquanto 93,5% do género masculino ^[13]. Como é possível verificar, a maioria dos abusos sexuais é praticada por homens e por esse motivo, o presente estudo vai-se reportar a abusadores do sexo masculino.

Assim, no estudo de Habigzang, Koller, Azevedo e Machado ^[8], os autores procuraram estudar o perfil das vítimas e a caracterização da violência sexual, dos abusadores e das famílias, numa amostra de 71 documentos e 94 vítimas, uma vez que algumas vítimas constavam no mesmo documento por pertencerem à mesma família, de casos denunciados de violência sexual pelas Promotorias Especializadas na Infância e na Juventude de Porto Alegre – Ministério Público Estadual do Rio Grande do Sul. Relativamente às conclusões, o estudo evidencia que a maioria dos abusadores sexuais era do sexo masculino (98,8%), tendo vínculos afetivos e de confiança com a vítima. Assim, cerca de 57,4% dos abusadores sexuais

era pai da criança vitimizada e 37,2% era padrasto ou pai adotivo da criança. A maioria dos abusadores tinha idades compreendidas entre os 31 e 40 anos, evidenciando a existência de características pessoais apontadas como fatores de risco para o abuso, tais como a agressividade, problemas com álcool e/ou outras drogas, perturbações mentais, rigidez, fanatismo religioso e possessividade. Verificou-se também que 43,2% dos abusadores encontravam-se empregados, 32,1% desempregados, 16% fazendo alguns biscates e 6,2% reformados. É possível constatar que o desemprego é um fator de risco para o abuso sexual intrafamiliar, uma vez que pode gerar conflitos entre os elementos da família [8]. Além disso, o pai ou cuidador que exerce esta função fica como principal responsável pelas crianças durante a maior parte do tempo, tendo oportunidade para que estes abusos sexuais ocorram [8]. De acordo com o estudo de Habigzang, Koller, Azevedo & Machado [8], cerca de 40,6% dos indivíduos tinha o 1º ciclo incompleto e apenas 25% apresentava o 1º ciclo completo. Dos restantes indivíduos, 15,6% eram analfabetos, 15,6% tinham o 2º ciclo completo ou incompleto e 3,1% tinham o 3º ciclo incompleto. Portanto, de acordo com o este estudo é possível evidenciar que o nível de escolaridade também pode ser considerado um fator de risco, uma vez que a maioria dos abusadores possuía um baixo nível de escolaridade [8]. O estudo também mostrou que no início do processo, a maioria dos abusadores era casado ou vivia em união de facto (75,3%) e que no final do processo, a maioria dos abusadores estava separado (69,5%). Relativamente ao abuso de substâncias, foi possível verificar que 53,2% dos abusadores consumiam álcool e 27,7% apresentavam dependência por outro tipo de substância tóxica. Foram encontrados registos em apenas 18 documentos sobre alegações do abusador para cometer a violência sexual. Os principais motivos alegados foram a percepção da vítima como uma pessoa adulta e capaz de ter relações sexuais (31,3%), questões religiosas (25%), e o desejo de ser o responsável pela iniciação sexual da criança (25%). Adicionalmente, verificou-se que em 37,2% dos casos, o abusador abusou sexualmente de outras pessoas no mesmo contexto doméstico. Entretanto, na maioria dos casos (80,9%), o abusador não apresentava antecedentes criminais. Entre os abusadores que apresentavam antecedentes criminais, 44,4% estavam envolvidos em furtos, 33,3% em assassinatos, 16,7% em tráfico ou uso de drogas, 11,1% em agressões físicas, 5,6% em danos materiais e 5,6% em ameaças.

Deste modo, os autores concluíram que os perpetradores da violência sexual foram, na maioria dos casos, homens que conviviam no ambiente doméstico da criança ou possuíam uma relação de confiança e cuidado com a criança. Concluíram também que o ambiente familiar constituiu o principal contexto no qual as crianças e adolescentes foram vitimizadas sexualmente. Paralelamente, concluíram também a existência de fatores de risco para a família incestuosa, destacando-se a presença de um padrasto na família, abuso de álcool ou

drogas, desemprego, mãe passiva ou ausente, pais desocupados e cuidando dos filhos por longos períodos de tempos e dificuldades económicas. Os resultados apontam ainda que o abusador frequentemente negou o abuso ou culpabilizou a vítima [8].

Na mesma linha de pensamento, o estudo de âmbito nacional de Rebocho e Gonçalves [78], com uma amostra de 216 abusadores sexuais, tinha como objetivo comparar violadores (i.e., cujas vítimas têm 14 anos ou mais) com abusadores sexuais de menores (i.e., cujas vítimas têm menos de 14 anos). Neste estudo, a maioria das vítimas, de ambos os grupos, era do género feminino (74,4% dos abusadores sexuais de menores e 94,3% dos violadores). Também foi possível constatar que os abusadores sexuais de menores tinham tendência, relativamente aos violadores, a serem casados ou viver em união de facto (49,6% dos abusadores e 37,9% dos violadores). É de salientar que não foi avaliada psicopatologia apesar de, em ambos os grupos, a maioria dos indivíduos não possuía diagnósticos psiquiátricos ou psicológicos referenciados nos seus processos individuais (89,9% dos abusadores e 82,8% dos violadores). Em relação ao uso de substâncias, 33,3% dos abusadores sexuais apresentavam problemas de álcool e 34,1% apresentava abuso de substâncias ilícitas. Os abusadores vitimizavam, em média, crianças de 8/9 anos, sendo que a maioria (77,5%) não apresentavam antecedentes criminais. Estes dados corroboram a literatura científica internacional, indicando que a maioria das vítimas de abuso sexual é do género feminino. É possível verificar também que o estudo incide nos dados demográficos dos abusadores sexuais e dos violadores e não nas características psicológicas dos mesmos.

Recentemente, Koçturk e Yuksel [13] procuraram estudar as características demográficas dos abusadores sexuais, numa amostra de 216 casos de vítimas de abuso sexual intrafamiliar que foram encaminhados ao Centro de Defesa de Crianças de Ancara na Turquia. Relativamente às conclusões, os autores constataram que o abusador mais comum foi o pai biológico (50%), ou o irmão biológico (14,4%). Concluíram também que cerca de 6,5% ($n=14$) dos abusadores sexuais eram do sexo feminino, enquanto 93,5% ($n=202$) eram do sexo masculino. Relativamente à faixa etária, as mulheres abusadoras tinham entre 26 e 39 anos de idade (média $\pm DP$ de $35 \pm 4,1$ anos), enquanto os homens abusadores tinham entre 31 e 60 anos ($39,2 \pm 7,0$ anos). Dos 87 abusadores cujo nível escolar era conhecido, 52,9% ($n=46$) possuíam o 1º ciclo do ensino básico ou um nível inferior, 21,8% ($n=19$) possuíam o ensino secundário, 6,9% ($n=6$) eram licenciados e 3,4% ($n=3$) eram estudantes no momento da entrevista forense. Relativamente à atividade profissional, 67,4% ($n=91$) estavam empregados, 30,4% ($n=41$) encontravam-se desempregados e 2,2% ($n=2$) estavam reformados. Em complementaridade, o estudo evidencia também que 61,1% ($n=121$) dos abusadores eram casados, 25,8% ($n=51$) eram solteiros e 13,1% ($n=26$) eram divorciados.

Apesar dos estudos terem dado especial atenção às características demográficas de abusadores sexuais, também existem estudos focados na associação entre o perfil psicológico e os abusadores sexuais de menores.

No estudo de âmbito nacional de Pechorro, Poiães & Vieira ^[14], os autores procuraram identificar diferenças no estilo de personalidade de abusadores sexuais de crianças portuguesas, numa amostra forense de 41 indivíduos, com uma média de idade de 43 anos (leque etário= 17-73 anos; $M=42.78$; $DP=14.12$). Relativamente ao estado civil dos reclusos, 39% eram solteiros, 7,3% viviam em união de facto, 31,7% eram casados, 19,5% estavam separados/divorciados e 2,4% eram viúvos. Relativamente à escolaridade, 29,3% dos reclusos tinham concluído o primeiro ciclo de ensino básico, 31,7% o segundo ciclo de ensino básico, 19,5% o terceiro ciclo de ensino básico, 9,8% o ensino secundário e 9,7% tinham um bacharelato ou licenciatura. Em consonância com a literatura internacional ^[79], este estudo sugere que os abusadores sexuais de crianças demonstram ter níveis relativamente altos de psicopatologia, nomeadamente desregulação afetiva, problemas de personalidade e perturbação emocional, dependência, timidez, introversão e tendem a responder de uma forma mais reservada que os homens da população normal o que pode ajudar a explicar os abusos sexuais.

Paralelamente, a meta-análise de Seto e colaboradores ^[15], analisou 78 estudos (contando com um total de 6605 abusadores sexuais intrafamiliares e 10573 abusadores sexuais extrafamiliares). As variáveis analisadas no estudo, foram: as características demográficas; dificuldades na infância; tendências antissociais; interesses sexuais atípicos, problemas interpessoais e psicopatologia. Relativamente às características demográficas, os autores concluíram que, os abusadores sexuais extrafamiliares eram mais jovens ($d = 0,21$), apresentavam taxas de emprego mais altas ($d = 0,19$) e, apresentavam uma menor inteligência em comparação aos abusadores sexuais intrafamiliares ($d = 0,15$). Apesar dos abusadores sexuais intrafamiliares apresentarem taxas de desemprego mais baixas e pontuações mais altas nos testes de inteligência, quando comparados com os abusadores sexuais extrafamiliares, constatou-se que os abusadores sexuais intrafamiliares apresentavam uma menor escolaridade ($d = -0,13$). Em relação às dificuldades na infância, os autores concluíram que os abusadores sexuais intrafamiliares apresentam dificuldades na infância significativamente maiores do que os abusadores sexuais extrafamiliares. Ou seja, os abusadores sexuais intrafamiliares eram mais propensos a ter uma história de abuso sexual na infância ($d = -0,11$), abuso familiar ($d = -0,31$), negligência familiar ($d = -0,25$) e uma ligação baixa com os pais na infância ($d = -0,24$), particularmente com as mães ($d = -0,24$). Relativamente às tendências sociais, os abusadores sexuais intrafamiliares quando comparados com os extrafamiliares, apresentavam problemas maiores de autorregulação (d

= 0,10), maior tendência para se afiliarem a grupos de pares antissociais ($d = 0,17$), pontuações mais altas nas medidas de tendências antissociais ($d = 0,17$), maior propensão a atitudes e crenças de apoio à ofensa ($d = 0,12$), e um número maior de crimes no passado ($d = 0,20$). Uma vez que os abusadores sexuais extrafamiliares apresentavam uma maior história criminal do que os abusadores sexuais intrafamiliares, as diferenças nas pontuações da Lista de Verificação da Psicopatia – Revista (psicopatia) foram maiores para a subescala do comportamento ($d = 0,26$) do que para a subescala interpessoal/ afetiva ($d = 0,10$). Os abusadores sexuais extrafamiliares apresentavam também menor empatia pela vítima ($d = 1,05$) e maior hostilidade para com as mulheres ($d = 0,24$) do que os abusadores sexuais intrafamiliares. Em relação à variável sobre os interesses sexuais atípicos, os abusadores extrafamiliares eram mais sexualmente atípicos do que os abusadores intrafamiliares. Ou seja, os abusadores extrafamiliares tinham maior interesse sexual em crianças ($d = 0,41$), e também eram mais propensos a parafilias ($d = 0,499$). Os abusadores extrafamiliares também eram mais propensos a manifestar problemas de autorregulação sexual em comparação com os abusadores intrafamiliares ($d = 0,13$). Para além disso, os abusadores extrafamiliares eram também mais propensos a identificarem-se emocionalmente com crianças ($d = 0,13$), a negar os seus crimes sexuais ($d = 0,27$) e a minimizar os seus crimes sexuais ($d = 0,12$) em comparação com os abusadores intrafamiliares. Por último, relativamente aos problemas interpessoais e psicopatologia, os abusadores extrafamiliares tendiam a ter maiores problemas na esfera social ($d = 0,12$), eram mais solitários ($d = 0,16$) e, eram menos propensos a casarem ($d = 1,16$) do que os abusadores intrafamiliares. Na variável da psicopatologia, os grupos eram semelhantes, com exceção nas medidas de personalidade em que, os abusadores extrafamiliares eram mais propensos a ser diagnosticados ou a pontuarem valores mais elevados nas medidas da personalidade ($d = 0,11$), do que os abusadores intrafamiliares. Contrariamente, os abusadores intrafamiliares eram mais propensos a apresentar pontuações mais elevadas na repressão ($d = -0,25$), definido como alto na negação, racionalização, supressão ou repressão de sentimentos.

Após uma revisão da literatura, foi possível constatar que apesar de existir um leque de estudos focados nas características demográficas, existe alguns estudos no âmbito do perfil psicológico de abusadores sexuais, verificando uma associação entre o perfil psicológico e os abusadores sexuais de menores ^[14,15].

Capítulo II: Estudo Empírico

1. Objetivos e Hipóteses

Este estudo teve como principal objetivo estudar o perfil psicológico de abusadores sexuais de menores nas relações intrafamiliares e extrafamiliares, complementando as lacunas identificadas na literatura. Para cumprir este objetivo foram utilizados neste estudo 20 participantes dos quais, (10) eram abusadores sexuais de menores, (6) reclusos condenados por delitos menores e (4) participantes da comunidade. De modo a avaliar o perfil psicológico de abusadores sexuais de menores foi utilizado um conjunto de questionários que pretendem estudar: (1) as Variáveis Sociodemográficas; (2) os sintomas psicopatológicos e ajustamento emocional (BSI: Inventário de Sintomas Psicopatológicos^[80]; (3) os traços de personalidade de acordo com cinco domínios da personalidade (NEO-FF: Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores ^[81] (4) a impulsividade (BIS-11: Escala de Impulsividade ^[82] e a (5) psicopatia (SRP-SF: Escala de Autoavaliação da Psicopatia – versão reduzida ^[83].

Para esta investigação, as hipóteses são as seguintes:

Hipótese 1: *Existe diferença estatisticamente significativa entre o perfil psicológico dos abusadores sexuais nas relações intrafamiliares e extrafamiliares.*

Hipótese 2: *Existe diferença estatisticamente significativa em termos de características do perfil psicológico dos abusadores sexuais de menores em comparação ao grupo de reclusos condenados por delitos menores.*

Hipótese 3: *Existe diferença estatisticamente significativa entre o perfil psicológico de abusadores sexuais de menores em comparação com o grupo da população normal.*

2. Método

2.1. Participantes

A amostra deste estudo era constituída por 20 indivíduos, todos do género masculino, com idade compreendida entre os 20 e os 72 anos ($M = 44,4$; $DP = 14,8$ anos). Dos 20 indivíduos que constituíam a amostra, 10 tinham cometido crimes de abuso sexual (6 extrafamiliares e 4 intrafamiliares), 6 tinham cometido outro tipo de crime e, 4 eram de um grupo controlo (amostra da comunidade). Nenhum dos 16 indivíduos presos tinha estado preso previamente por crimes sexuais.

A caracterização da amostra, globalmente e por grupo, encontra-se na tabela 1, onde se verifica que os quatro grupos eram semelhantes na maioria das suas características, com exceção da idade onde os reclusos condenados por crimes menores, apresentam uma idade tendencialmente mais avançada do que os abusadores sexuais extrafamiliares.

Relativamente ao estado civil, 6 (30%) eram solteiros, 4 (20%) casados, 3 (15%) e 7 (35%) divorciados/separados, respetivamente. No que diz respeito à escolaridade dos participantes, 1 (5%) era analfabeto, 4 (20%) tinha concluído o 1º ciclo, 6 (30%) o 2º ciclo, 4 (20%) o 3º ciclo e 5 (25%) o nível secundário.

Tabela 1
Caracterização Sociodemográfica da amostra

	Global	Amostra Comunida de	Delitos menores	Abusadores Extrafamiliares	Abusadores Intrafamiliares	p
	n = 20	n = 4	n = 6	n = 6	n = 4	
Idade*	46,5 [31,5; 54,8]	37,5 [22,0; 50,0] ⁺	33,0 [27,8; 39,0]	48,0 [37; 63] ⁺	61,0 [54,3; 70,8]	0,019
Estado civil**						0,137
Solteiro	6 (30%)	1 (25%)	4 (66,7%)	1 (25%)	0 (0%)	
Casado	4 (20%)	2 (50%)	0 (0%)	1 (25%)	1 (25%)	
União de facto	3 (15%)	1 (25%)	0 (0%)	2 (33,3%)	0 (0%)	
Div./Separado	7 (35%)	0 (0%)	2 (33,3%)	2 (33,3%)	3 (75%)	
Nº de filhos*	1,0 [0,0; 2,0]	0,5 [0,0; 1,0]	1,5 [0,0; 2,0]	1,0 [0,8; 2,0]	1,0 [0,0; 4,3]	0,643
Escolaridade**						0,611
Analfabeto	1 (5%)	0 (0%)	0(16,7%)	1 (16,7%)	0 (0%)	
1º ciclo	4 (20%)	0 (0%)	1(16,7%)	1 (16,7%)	2 (50%)	
2º ciclo	6 (30%)	2 (50%)	1(16,7%)	2 (33,3%)	1 (16,7%)	
3º ciclo	4 (20%)	0 (0%)	2(33,3%)	2 (33,3%)	0 (0%)	
Secundário	5 (25%)	2 (50%)	2 (33,3%)	0 (0%)	1 (16,7%)	
Nº de vítimas***						
1	1 [1; 1]			1 [1; 1,25]	1 [1; 1]	0,414
2	9(90,0%			4 (100%)	5 (83,3%)	
	1(10,0%			0 (0%)	1 (16,7%)	
Tempo de pena*	10,0 [7,3; 15,5]		13,0 [6,9; 17,5]	12,0 [6,4; 15,5]	7,5 [7,1; 12,3]	0,471
Tempo cumprido*	4,5 [2,0; 8,0]		4,8 [2,0; 8,8]	5,5 [1,1; 8,8]	4,0 [0,9; 4,0]	0,743

*Variável caracterizada pela mediana e quartis da distribuição tendo os grupos sido comparados pelo teste de Kruskal-Wallis; ** Variável caracterizada pela frequência absoluta (n) e relativa (%), tendo os grupos sido comparados pelo teste exacto de Fisher; +diferença estatisticamente significativa entre os subgrupos.

2.2. Instrumentos

2.2.1. Variáveis sociodemográficas e criminais/legais

Um questionário sociodemográfico foi construído e utilizado para a recolha de informações na amostra. Este questionário teve como intuito obter todas as informações pertinentes para o estudo, tais como: idade dos participantes; estado civil; o número de filhos; ano de escolaridade; tipo de crime; número de vítimas; tempo de pena, bem como o tempo que já cumpriu de pena e, se no passado já tinha sido preso/condenado por crimes sexuais.

2.2.2. Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI)^[84]

O Breve Inventário de Sintomas (BSI ^[84]; versão portuguesa autorizada de Canavarro ^[80], é um instrumento de autorrelato, constituído por 53 itens, que avalia sintomas psicopatológicos e ajustamento emocional em nove dimensões: somatização, obsessões-compulsões, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranóide e, psicoticismo. O inventário permite ainda a cotação segundo três Índices Globais: índice geral de sintomas (IGS), índice de sintomas positivos (ISP) e total de sintomas positivos (TSP). Ao preencherem os itens é pedido aos sujeitos para pontuar a frequência de ocorrência dos problemas ou sintomas apresentados, durante a última semana, numa escala de tipo *Likert* de cinco pontos, que varia entre 0 (“Nunca”) e 4 (“Muitíssimas Vezes”). Ou seja, uma maior pontuação corresponde a uma maior frequência de sintomas. Do ponto de vista clínico, a análise das pontuações obtidas nas nove dimensões fornece informação sobre o tipo de sintomatologia que preponderantemente perturba mais o indivíduo. A simples leitura dos índices globais permite avaliar, de forma geral, o nível de sintomatologia psicopatológica apresentado. Relativamente às correlações entre os itens, do estudo original do BSI, numa amostra de 565 doentes psiquiátricos, as correlações encontradas para as nove dimensões psicopatológicas, variam entre .92 e .99, revelando boas qualidades psicométricas ^[84].

Num estudo com uma amostra Portuguesa de adultos, os níveis de consistência interna das nove dimensões, avaliados pelo *Alpha de Cronbach* variaram entre .71 (psicoticismo) e .85 (depressão), sendo indicadores da unidade e solidez conceptual do instrumento ^[85].

2.2.3. Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores (NEO-FFI) ^[86]

O Inventário de Personalidade dos Cinco Fatores (NEO-FFI ^[86]; versão Portuguesa autorizada de Magalhães, Salgueira, Gonzalez, Costa, Costa, Costa & Lima ^[81], é uma versão reduzida do NEO-PI-R ^[86]. O NEO-FFI é constituído por 60 itens de autorresposta que permite avaliar os cinco domínios da personalidade: Neuroticismo (N), Extroversão (E), Abertura à

Experiência (O), Amabilidade (A) e Conscienciosidade (C). O NEO-FFI é avaliado numa escala de tipo *Likert* de cinco pontos, que varia entre 0 (“discordo totalmente”) a 4 (“concordo totalmente”). No estudo original, o *Alpha de Cronbach* variou entre .68 e .86^[81], indicando que existe uma boa consistência do instrumento.

Na versão Portuguesa, que pretendeu estudar as propriedades psicométricas do NEO-FFI numa amostra de 1178 Portugueses, os valores do *Alpha de Cronbach* variaram entre .69 (O) e .81 (C)^[81].

2.2.4. Escala de Impulsividade – (BIS-11)^[87] [82]

A BIS-11^[87] é uma versão para investigação desenvolvida para português europeu autorizada de Cruz & Barbosa^[82] sendo uma escala de autorrelato composta por 30 itens, que avalia o conceito de impulsividade mediante três subescalas: a impulsividade motora, que está relacionada com a tendência do indivíduo agir levando-se pelas circunstâncias do momento; a impulsividade de planeamento, que está relacionada com a capacidade de pensar de forma cuidadosa e de planejar as suas ações; e, a impulsividade atencional, que está relacionada com a capacidade de o indivíduo focar a sua atenção numa tarefa em particular. Neste sentido, o sujeito deve analisar cada um dos itens que descrevem formas habituais de agir, considerando o seu próprio comportamento, tendo de classificá-los de acordo com uma escala do tipo *Likert* de quatro pontos, que varia entre 1 (“raramente ou nunca”) a 4 (“quase sempre/sempre”). A pontuação da escala varia entre 30 a 120 pontos, na qual resultados elevados apontam para a presença de comportamentos impulsivos.

Vários estudos psicométricos Portugueses demonstraram uma boa consistência interna da escala. Por exemplo, numa amostra estudantil a consistência interna da escala total foi de .82; .83 numa amostra de doentes psiquiátricos e .80 numa amostra de reclusos^[82].

2.2.5. Escala de Autoavaliação da Psicopatia - versão reduzida (SRP-SF)

[88]

A Escala de Autoavaliação da Psicopatia – versão reduzida (SRP-SF^[88]; versão Portuguesa autorizada de Seara-Cardoso, Queirós, Fernandes, Coutinho, & Neumann^[83] foi desenvolvida a partir do SRP-4 (Self-Report Psychopathy Scale- Fourth Edition. A SRP-SF é um instrumento de autorresposta, composto por 29 itens que avalia as quatro dimensões da psicopatia: a Insensibilidade Afetiva, a Manipulação Interpessoal, o Estilo de vida Desviante e o Comportamento Antissocial Na dimensão da insensibilidade afetiva são explorados os aspetos afetivos da psicopatia, como a empatia comprometida, a falta de culpa e a despreocupação com os outros. Nas Manipulação Interpessoal são avaliadas as características dissociais dissimuladas, como a mentira e a manipulação patológica. A

dimensão Estilo de vida Desviante está relacionada com comportamentos impulsivos e imprudentes enquanto, a dimensão do Comportamento Antissocial refere-se a comportamentos antissociais evidentes. Cada dimensão é composta por sete itens, à exceção da dimensão antissocial (oito itens), avaliados numa escala de tipo *Likert* de cinco pontos que varia de 1 (“discordo totalmente”) a 5 (“concordo totalmente”). As pontuações de cada dimensão são obtidas somando as pontuações correspondentes dos itens individuais. Ou seja, quanto mais alta for a pontuação mais o indivíduo apresenta características psicopáticas. Na versão Portuguesa, que pretendeu estudar as propriedades psicométricas do SRP-SF, os valores do *Alpha de Cronbach* variaram entre 0 e 1 e os valores aceitáveis são iguais ou maiores que .70, indicando que o instrumento revela um bom ajustamento para o modelo dos quatro fatores e uma boa consistência interna em todas as escalas e subescalas ^[83].

2.3. Procedimento

O presente estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Posteriormente foi solicitada autorização por parte da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), para a recolha de dados nos Estabelecimentos Prisionais selecionados (Estabelecimento prisional de Santa Cruz do Bispo, Aveiro e Coimbra) e aos diretores dos referidos Estabelecimentos Prisionais. Foi dada a informação de que se tratava de um projeto de tese de Mestrado em Medicina Legal e Ciências Forenses de uma aluna da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Foi também dada informação sobre o objetivo do estudo bem como o número e tipo de participantes necessários (i.e., um grupo de sujeitos condenados por abuso sexual de crianças em que a vítima era seu familiar; um grupo de sujeitos condenados por abuso sexual de crianças em que a vítima não era seu familiar e um grupo de sujeitos condenados por delitos menores e.g. furto). Para a recolha do quarto grupo referente à população normal, o objetivo do estudo bem como o respetivo procedimento foram colocados numa plataforma online (*Facebook*) para que os potenciais participantes decidissem sobre a sua livre e espontânea vontade de participar no estudo.

Após estas autorizações, os reclusos que preenchiam os requisitos necessários (i.e., sujeitos condenados por abuso sexual de crianças que eram familiares biológicos ou adotivos; reclusos condenados por abuso sexual de crianças em que a vítima era fora do seu círculo familiar e reclusos condenados por delitos menores e.g. furto) indicados pelos serviços DGRSP foram contactados com vista a serem informados acerca do objetivo geral bem como do procedimento do estudo. Nesta fase, o entrevistador já estava a par daqueles que são os abusadores intrafamiliares, extrafamiliares e reclusos condenados por delitos menores, devendo os mesmos estar organizados em diferentes grupos. O número de participantes que

se pretendeu para o estudo estava entre os 15 a 20 participantes em cada grupo. No contexto desse contacto, também foi ressaltado que a participação no estudo é voluntária, não existindo qualquer benefício ou prejuízo para o sujeito independentemente da sua decisão em participar ou não no estudo, sendo que o sujeito é livre de abandonar o estudo em qualquer momento. Neste contacto foram garantidos o anonimato e a confidencialidade dos dados que forem recolhidos, a fim de proteger a identidade de cada indivíduo. Àqueles que aceitaram participar foi pedido para lerem atentamente o protocolo do consentimento informado e, caso concordassem, o assinassem. Com isto, assumiram a sua participação voluntária, assim como a compreensão dos objetivos dos instrumentos a aplicar e do projeto em questão.

Importa ressaltar a importância da divisão dos sujeitos em grupos intrafamiliares, extrafamiliares e sujeitos condenados por delitos menores, de modo a incluir, na amostra, um número equilibrado de todos os grupos. Caso existissem indivíduos dispostos a participar num dos grupos, ainda que todos participem, serão escolhidos aleatoriamente, após recolhidos os dados, aqueles sujeitos cujos dados não serão considerados no estudo (e.g. caso existam 25 participantes no grupo dos intrafamiliares e apenas 20 participantes no grupo dos extrafamiliares, cinco dos intrafamiliares serão aleatoriamente excluídos).

Para o levantamento dos dados, foram realizados questionários individuais que duraram cerca de 30 minutos cada, sendo que a concretização dos questionários ficou dependente da disponibilidade oferecida pelo Estabelecimento Prisional.

O *setting*, foi o Estabelecimento Prisional, que se encarregou de tornar disponível um espaço apropriado para a realização dos questionários. Neste espaço, foi possível a realização dos questionários sem interrupções ou demais inconvenientes. Após a aplicação dos respetivos questionários, agradeceu-se a participação do indivíduo pelo seu tempo e participação no estudo, ressaltando-se, novamente, a importância da sua contribuição, assim como se deixou o mesmo à vontade para fazer qualquer questão ou comentário.

Recolhidos todos os dados, o próximo passo consistiu em criar uma base de dados com todas as informações contidas nos questionários. O programa utilizado para o tratamento dos dados foi o *Statistical Package for the Social Sciences- Ibm SPSS*, Versão 26.0, e avaliada ao nível de significância de 5%. Após a análise da distribuição dos dados recolhidos, foi decidida a técnica estatística mais apropriada e mais potente para a situação em causa.

2.4. Método Estatístico

O tratamento dos dados foi realizado com recurso ao programa *Statistical Package for the Social Sciences – IBM SPSS*, versão 26.0, tendo os resultados sido avaliados ao nível de significância de 5%.

As variáveis qualitativas foram descritas através das suas frequências absolutas e relativas, em percentagem do total, tendo-se avaliado se a distribuição das categorias era semelhante através do teste exato de Fisher.

As variáveis quantitativas foram descritas através das medianas e quartis da distribuição (percentis 25 e 75) uma vez que foram aplicados testes não paramétricos, nomeadamente o teste de *Mann-Whitney* para realizar as comparações necessárias para responder às hipóteses, e pelo teste de *Kruskal-Wallis* para comparar a distribuição dos parâmetros sociodemográficos a amostra. A opção por testes não paramétricos deveu-se à dimensão da amostra.

3. Resultados

Numa perspetiva de caracterizar as dimensões dos questionários avaliados em cada um dos 4 grupos da amostra, bem como agrupando os dois subgrupos de abusadores sexuais, apresentam-se as tabelas 2 a 5 com os parâmetros observados nas dimensões dos questionários administrados.

Tabela 2

Caracterização do BSI na amostra global e em cada um dos subgrupos

BSI	Global (n = 20)	Comunidade (n = 4)	Delitos menores (n = 6)	Abusadores Extrafamiliares (n = 6)	Abusadores Intrafamiliares (n = 4)	Abusadores sexuais (n = 10)
Somatização	8 [3.3; 14.5]	2 [1; 7.5]	8 [3; 13.8]	10 [7.8; 16]	11.5 [3.3; 16]	10 [7.8; 16]
Obsessões- compulsões	8 [3; 14.5]	5.5 [1.5; 11]	7 [3; 15]	12.5 [8.3; 16.8]	6.5 [2; 15.5]	12.5 [8.3; 16.8]
Sensibilidade interpessoal	4.5 [1.3; 11.5]	2 [0.3; 4.5]	4.5 [0; 9.8]	11 [6; 12.5]	3.5 [2.3; 10]	11 [6; 12.5]
Depressão	6 [3.3; 10]	1 [0.3; 5.5]	5 [3; 11]	10 [4.5; 15.3]	6 [5.3; 12.8]	10 [4.5; 15.3]
Ansiedade	5.5 [1.3; 9.8]	0.5 [0; 5.5]	7 [2.5; 11.5]	6 [4.5; 10.3]	2.5 [2; 12.8]	6 [4.5; 10.3]
Hostilidade	4.5 [0.5; 11.8]	0 [0; 4.5]	5.5 [2.3; 15]	11 [2.8; 12.8]	4 [0.5; 12.8]	11 [2.8; 12.8]
Ansiedade Fóbica	3.5 [0.3; 9.3]	1 [0; 2.8]	4.5 [0.8; 7.8]	9.5 [3.8; 14.8]	2 [0.5; 11]	9.5 [3.8; 14.8]
Ideação paranoide	6 [2; 13.3]	2 [0.5; 5]	8.5 [3.5; 16.5]	9.5 [6.8; 15]	2.5 [1; 15.3]	9.5 [6.8; 15]
Psicoticismo	6.5 [1.3; 9.8]	0.5 [0; 4.8]	5.5 [1; 9]	9.5 [6.5; 11]	8 [2.8; 13.3]	9.5 [6.5; 11]

Legenda: As dimensões são caracterizadas pela mediana[Percentil 25; Percentil 75] +.

Tabela 3

Caracterização do NEO-FFI na amostra global e em cada um dos subgrupos

NEO-FFI	Global (n = 20)	Comunidade (n = 4)	Delitos menores (n = 6)	Abusadores Extrafamiliares (n = 6)	Abusadores intrafamiliares (n = 4)	Abusadores sexuais (n = 10)
Neuroticismo	29 [19.3; 32]	17 [14; 27.5]	30.5 [19.3; 34.8]	30 [22.8; 32]	27 [19.5; 35.3]	30 [22.8; 32]
Extroversão	29 [25.3; 34]	34.5 [34; 35.8]	28.5 [23.8; 34.3]	26.5 [23.8; 28.8]	30.5 [23.5; 40.5]	26.5 [23.8; 28.8]
Abertura à experiência	32 [24; 34.8]	35 [28.8; 42]	31.5 [18.3; 32.8]	31 [22.3; 33.5]	33 [25.5; 34.5]	31 [22.3; 33.5]
Amabilidade	35.5 [25; 41]	47.5 [41.5; 52] ⁺	36 [19.3; 41]	27.5 [23; 35.3] ⁺	35.5 [26.8; 40.5]	27.5 [23; 35.3]
Conscienciosidade	35.5 [26; 42]	44.5 [36.5; 51.8]	39 [20.3; 44.3]	26 [24.5; 29]	35 [28.3; 46.3]	26 [24.5; 29]

Legenda: As dimensões são caracterizadas pela mediana[Percentil 25; Percentil 75]

Tabela 4

Caracterização do BIS-11 na amostra global e em cada um dos subgrupos

BIS11	Global (n = 20)	Controlos (n = 4)	Outros crimes (n = 6)	Abusadores Extrafamiliares (n = 6)	Abusadores Intrafamiliares (n = 4)	Abusadores sexuais (n = 10)
Impulsividade motora	17 [13.3; 25.8]	12.5 [9.3; 17.3]	19 [13.5; 25.5]	24 [16.3; 27]	14 [11.5; 23.3]	24 [16.3; 27]
Impulsividade emocional	21 [15; 31.8]	15 [12; 20.3]	21 [17.8; 34.3]	31.5 [16.5; 34.3]	18 [14.3; 27]	31.5 [16.5; 34.3]
Impuls. de planeamento	24.5 [22; 27.5]	22.5 [22; 23.8]	27.5 [25.3; 30]	23 [21.8; 25.3]	27 [19.3; 28.8]	23 [21.8; 25.3]

Legenda: As dimensões são caracterizadas pela mediana[Percentil 25; Percentil 75]

Tabela 5

Caracterização do SRP-SF na amostra global e em cada um dos subgrupos subgrupos

SRP-SF	Global (n = 20)	Controlos (n = 4)	Outros crimes (n = 6)	Abusadores Extrafamiliares (n = 6)	Abusadores Intrafamiliares (n = 4)	Abusadores sexuais (n = 10)
Manipulação interpessoal	13 [8; 29.3]	8 [7.3; 11]	20 [17.5; 32.3]	20 [10; 34.3]	10 [7.3; 25.5]	20 [10; 34.3]
Est. Afectivo	14.5 [10; 23.8]	10 [9.3; 11.5]	15.5 [14; 24]	23 [10; 27.5]	13 [9.3; 22.8]	23 [10; 27.5]
Est. comportamental	16 [11.3; 27.8]	9.5 [7; 15]	22.5 [19.5; 27.8]	22 [10.8; 30.5]	12 [8.8; 25]	22 [10.8; 30.5]
Est. Antissocial	14 [10.5; 24]	10.5 [8.3; 12] +	26.5 [15; 33.3] ⁺	15 [9.5; 25.8]	12 [9; 15]	15 [9.5; 25.8]

Legenda: As dimensões são caracterizadas pela mediana[Percentil 25; Percentil 75]

Hipótese 1: *Existe diferença estatisticamente significativa entre o perfil psicológico dos abusadores sexuais nas relações intrafamiliares e extrafamiliares.*

Na figura seguinte é possível comparar o perfil psicológico dos reclusos da amostra condenados por abusos sexuais intrafamiliares e extrafamiliares. Pode ainda observar-se que os abusadores sexuais intrafamiliares quando comparados com os abusadores sexuais extrafamiliares, apresentam menor *score* na manipulação interpessoal, estilo afetivo e impulsividade emocional. No entanto, em comparação com os abusadores sexuais extrafamiliares, os abusadores sexuais intrafamiliares apresentavam um *score* maior na subescala da impulsividade motora e conscienciosidade.

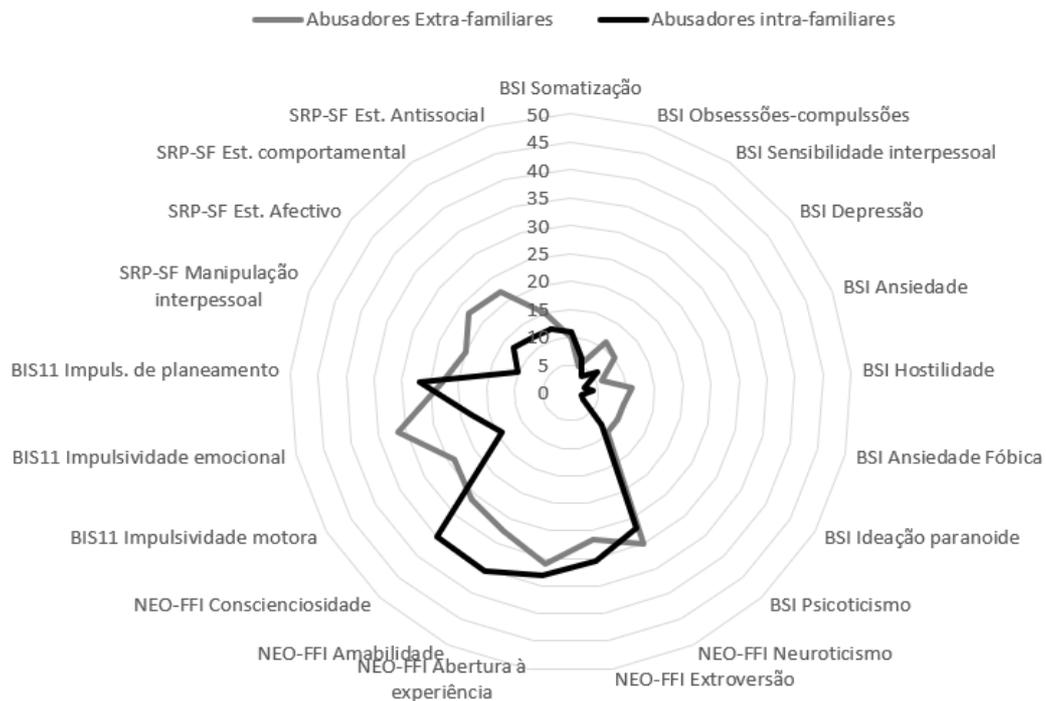


Fig. 1– Gráfico de radar comparativo dos grupos de abusadores sexuais extrafamiliares e abusadores sexuais intrafamiliares relativamente aos valores medianos obtidos para cada dimensão em cada uma das 4 escalas usadas

É possível verificar que existe diferença estatisticamente significativa na conscienciosidade avaliada pelo NEO-FFI ($p = 0,038$), apresentando os abusadores intrafamiliares um valor mediano superior em 9 pontos, relativamente aos abusadores extrafamiliares (Tabela 4, Figuras 1 e 2).

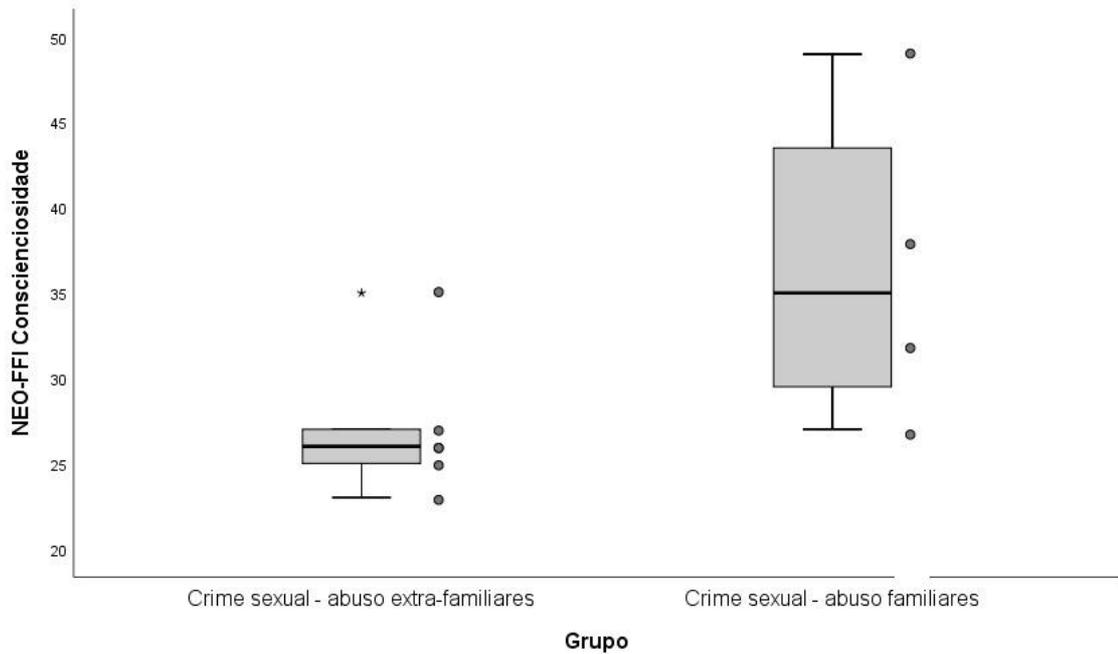


Fig. 2 – Diagrama de extremos e quartis com os valores individuais obtidos para a dimensão Conscienciosidade da escala NEO-FFI nos grupos de indivíduos que cometeram crimes sexuais com abusos extrafamiliares e intrafamiliares (Teste de Mann-Whitney: $p = 0,038$).

No anexo 1 é possível consultar os valores-p obtidos no teste de *Mann-Whitney* para as comparações das restantes dimensões de cada uma das escalas.

Hipótese 2: *Existe diferença estatisticamente significativa em termos de características do perfil psicológico dos abusadores sexuais de menores em comparação ao grupo de reclusos condenados por delitos menores.*

Para testar a hipótese 2, foi criada uma variável compósito dos abusadores sexuais intrafamiliares e extrafamiliares, denominada (Crimes Sexuais). Neste sentido, na figura seguinte é possível comparar o perfil psicológico dos reclusos da amostra condenados por abusos sexuais e os reclusos condenados por delitos menores.

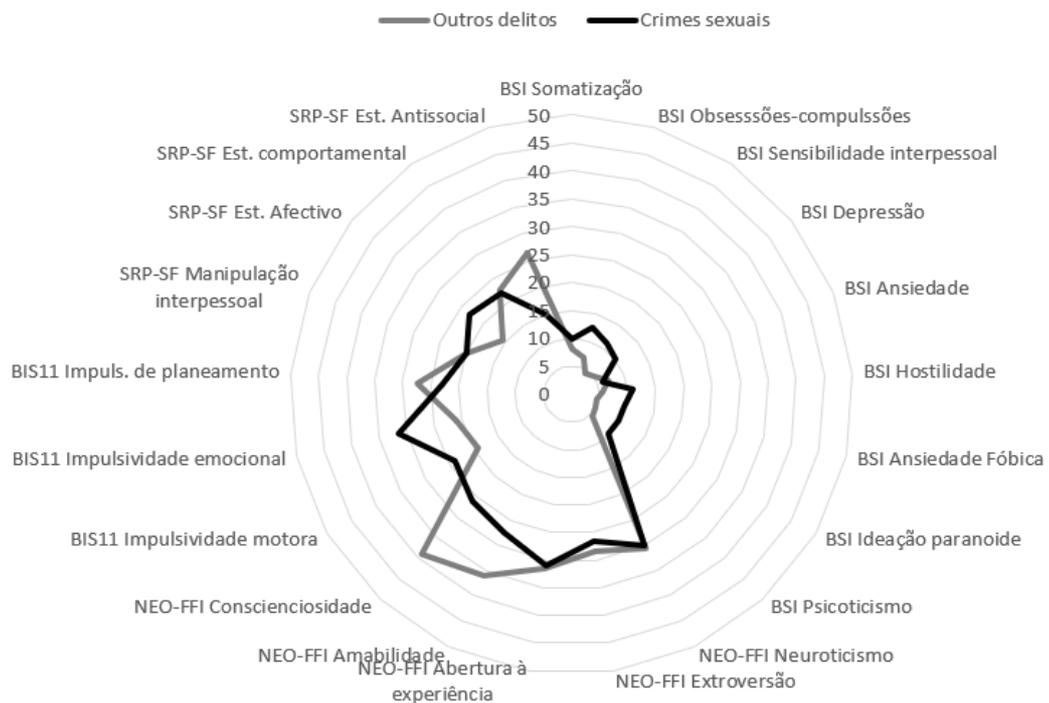


Fig. 3 – Gráfico de radar comparativo dos grupos de abusadores sexuais e reclusos presos por outros delitos relativamente aos valores medianos obtidos para cada dimensão em cada uma das 4 escalas usadas

É possível verificar que existe diferença estatisticamente significativa na impulsividade de planeamento avaliada pela escala *BSI-11* ($p = 0,031$) e tendencialmente significativa na subescala Conscienciosidade avaliada pelo NEO-FFI ($p = 0,093$). Pelas tabelas 3 e 5, e figuras 4a e 4b pode observar-se que os abusadores sexuais apresentam um *score* menor na escala de impulsividade de planeamento (diferença mediana de 4,5 pontos) e na subescala da conscienciosidade (diferença mediana de 13,0 pontos), quando comparados com os reclusos que cometeram delitos menores.

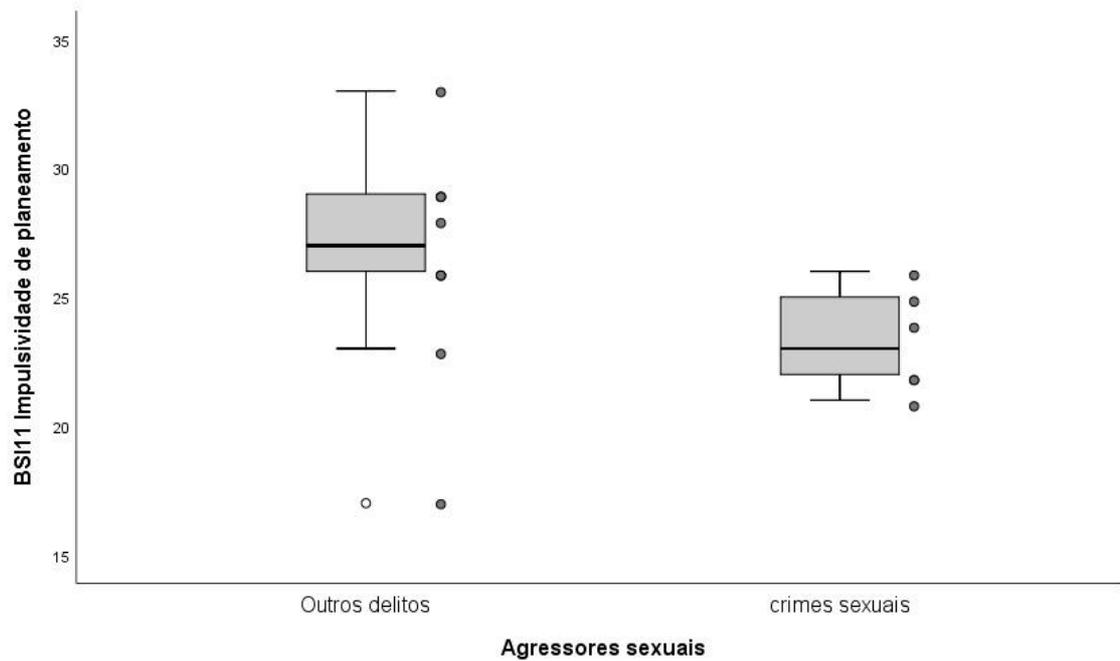


Fig. 4a – Diagrama de extremos e quartis com os valores individuais obtidos para a dimensão impulsividade de planejamento da escala BSI-11 nos grupos de indivíduos que cometeram crimes sexuais comparados com reclusos que cometeram outros delitos (Teste de Mann-Whitney: $p = 0,031$).

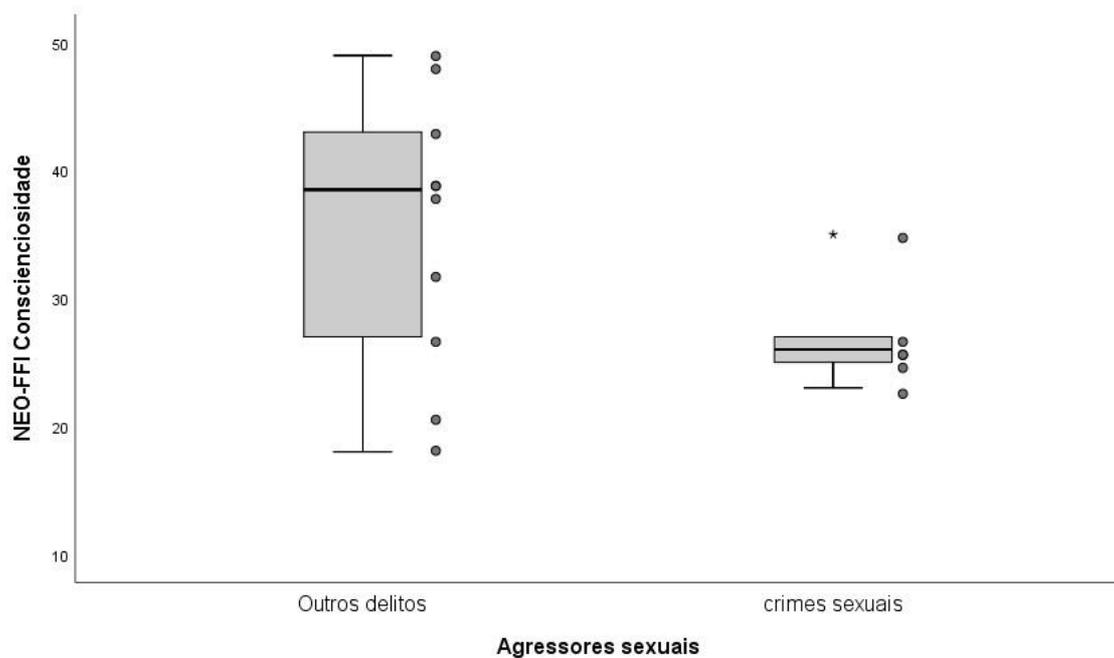


Fig. 4b – Diagrama de extremos e quartis com os valores individuais obtidos para a dimensão conscienciosidade da escala NEO-FFI nos grupos de indivíduos que cometeram crimes sexuais comparados com reclusos que cometeram outros delitos (Teste de Mann-Whitney: $p = 0,093$).

No anexo 2 é possível consultar os valores-p obtidos no teste de *Mann-Whitney* para as comparações das restantes dimensões de cada uma das escalas.

Hipótese 3: *Existe diferença estatisticamente significativa entre o perfil psicológico de abusadores sexuais de menores em comparação com o grupo (amostra) da comunidade.*

Na figura a seguir é possível comparar o perfil psicológico do grupo da amostra da comunidade (grupo controlo) e os reclusos condenados por abusos sexuais da amostra. Através do gráfico da figura 5, é possível verificar que o grupo controlo (amostra da comunidade) apresenta scores mais elevados na escala da conscienciosidade, amabilidade e extroversão enquanto que, os abusadores sexuais apresentam scores mais elevados na escala da impulsividade emocional, manipulação interpessoal, estilo afetivo, comportamental e antissocial, bem como, scores mais elevados na escala da ansiedade, depressão e hostilidade.

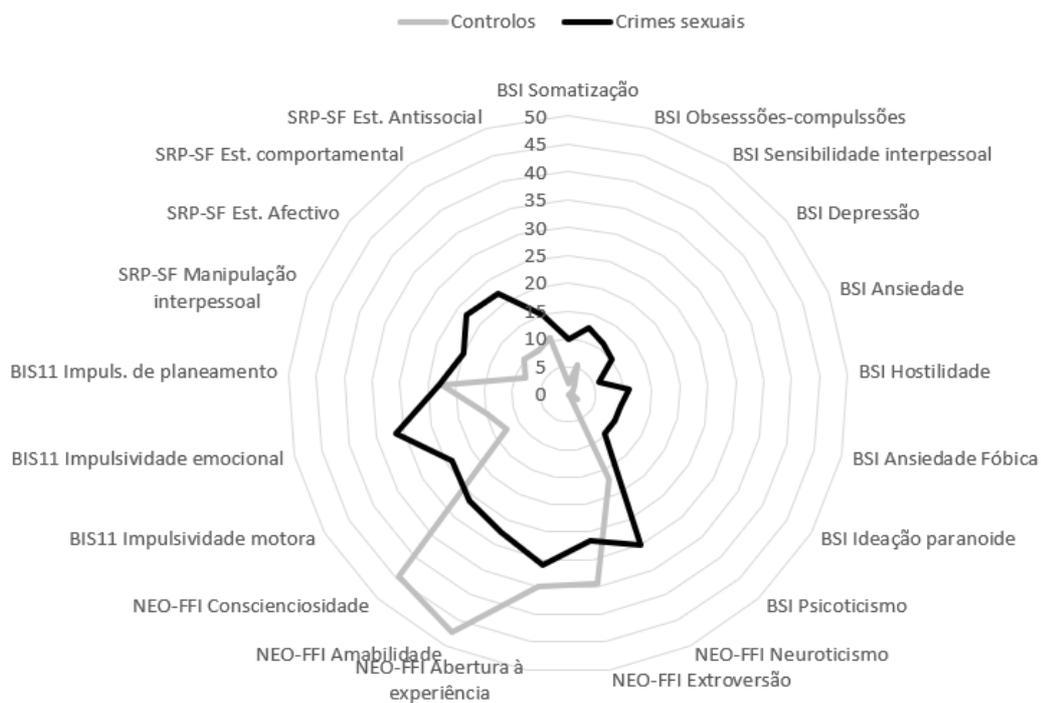


Fig. 5 – Gráfico de radar comparativo dos grupos de controlos e de abusadores sexuais relativamente aos valores medianos obtidos para cada dimensão em cada uma das 4 escalas usadas

Paralelamente, através dos resultados é possível verificar que os abusadores sexuais apresentam diferenças estatisticamente significativas nas seguintes dimensões, relativamente ao grupo (amostra) da comunidade.

Tabela 6

Dimensões que apresentam diferença estatisticamente significativa entre os grupos

	<i>p</i>	<i>Efeito*</i>
BSI Depressão	0,038	+9,0
BSI Hostilidade	0,038	+11,0
BSI Psicoticismo	0,019	+9,5
NEO-FFI Extroversão	0,010	-8,0
NEO-FFI Amabilidade	0,010	-20,0
NEO-FFI Conscienciosidade	0,010	-18,5

* Efeito avaliado pela diferença mediana abusadores – mediana controlos

E tendencialmente significativa nas seguintes escalas:

Tabela 7

Dimensões que apresentam diferença não estatisticamente significativa entre os grupos mas com valor-p inferior a 0,10.

	<i>p</i>	<i>Efeito</i>
BSI Somatização	0,067	+8,0
BSI Sensibilidade Interpessoal	0,067	+9,0
BSI Ansiedade fóbica	0,067	+5,5
BSI Ideação paranoide	0,067	+7,5
BIS-11 Impulsividade	0,067	+9,0

* Efeito avaliado pela diferença mediana abusadores – mediana controlos

No anexo 3 é possível consultar os valores-*p* obtidos no teste de *Mann-Whitney* para as comparações das restantes dimensões de cada uma das escalas.

4. Discussão dos Resultados

Para esta investigação definiu-se como objetivo geral, estudar o perfil psicológico dos abusadores sexuais de menores nas relações intrafamiliares e extrafamiliares. É importante haver um conhecimento mais detalhado do perfil destes abusadores de modo a auxiliar o desenho e seleção de programas de reabilitação específicos e eficientes. Como já foi

explicado anteriormente, a investigação sobre o perfil psicológico de abusadores sexuais de menores nas relações intrafamiliares e extrafamiliares ainda é escassa na população portuguesa, embora a literatura internacional aponte para uma associação entre o perfil psicológico e os abusadores sexuais de menores ^[15].

O abuso sexual a menor no seio familiar é chamada de intrafamiliar, podendo ser praticada por alguém com laços afetivos como pais, padrastos, primos, tios, irmãos e avós da vítima. Quando ocorre fora do seio familiar, é chamada de extrafamiliar, na qual os abusadores não têm laços familiares, podendo ser amigos, vizinhos, conhecidos, desconhecidos.

Globalmente, os resultados obtidos neste estudo sugerem uma tendência de os abusadores sexuais extrafamiliares terem mais dimensões do foro psicopatológico do que os abusadores sexuais intrafamiliares. Neste sentido, a partir dos resultados obtidos, confirmamos o que a literatura afirma, que existem diferenças em relação a estes dois grupos ^[15].

Relativamente à hipótese 1 (existe diferença estatisticamente significativa entre o perfil psicológico dos abusadores sexuais nas relações intrafamiliares e extrafamiliares) é possível verificar que apenas existe uma diferença estatisticamente significativa entre os abusadores sexuais extrafamiliares e intrafamiliares ao nível da conscienciosidade, tendo o grupo dos abusadores extrafamiliares apresentado uma pontuação significativamente mais elevada do que os abusadores intrafamiliares, demonstrando uma maior tendência para a impulsividade. Esta conclusão é consistente com a informação encontrada anteriormente na literatura, sendo possível concluir que os abusadores sexuais extrafamiliares, são mais propensos a negar os seus crimes sexuais e a minimizar os mesmos ^[15], demonstrando ser menos conscienciosos que os abusadores sexuais intrafamiliares.

Quanto à segunda hipótese de investigação (existe diferença significativa em termos de características do perfil psicológico dos abusadores sexuais de menores em comparação ao grupo de reclusos condenados por delitos menores), foi possível concluir que os abusadores sexuais (intrafamiliares e extrafamiliares) demonstram menor impulsividade de planeamento e conscienciosidade do que os reclusos condenados por delitos menores. A impulsividade é um fenómeno complexo caracterizado por diferentes padrões cognitivos e comportamentais que levam a consequências disfuncionais imediatas e em médio/longo prazo ^[89]. Nesta hipótese foi visível que os abusadores sexuais tiveram pontuações mais elevadas na subescala impulsividade de planeamento em relação aos reclusos condenados por delitos menores, o que demonstra que, em termos gerais da amostra, não planeiam nem pensam cuidadosamente antes de agir.

Relativamente à hipótese 3 (existe diferença estatisticamente significativa entre o perfil psicológico de abusadores sexuais de menores em comparação com o grupo (amostra) da

comunidade), notou-se uma diferença estatisticamente significativa dos resultados entre os abusadores sexuais de menores (intrafamiliares e extrafamiliares) e o grupo da comunidade, em que os abusadores sexuais apresentam diferenças estatisticamente significativas e que são relevantes em termos de observação dos valores medianos dos dois grupos ao nível da depressão, hostilidade, psicoticismo, somatização, sensibilidade interpessoal, ansiedade fóbica, ideação paranoide, impulsividade, extroversão, amabilidade e conscienciosidade, o que vem ao encontro de outros estudos que demonstraram que os abusadores sexuais têm um maior número de sintomatologia psicopatológica. Esta hipótese vai ao encontro da informação presente na literatura, na qual foi possível concluir que os abusadores sexuais de crianças demonstram ter níveis relativamente altos de psicopatologia, nomeadamente na esfera emocional, dependência, timidez, depressão e problemas de personalidade [14].

Estes resultados vêm demonstrar a heterogeneidade dos abusadores sexuais, visto não serem todos iguais, ambos os grupos de abusadores caracterizam-se por perfis distintos com implicações diferentes para a sua conduta.

Apesar de existir uma tendência de resultados semelhante aos dados internacionais, este estudo apresenta diversas limitações. Uma das mais importantes limitações prende-se com o tamanho da amostra e, conseqüentemente, com o tamanho das subamostras, que se deveu, em parte, à impossibilidade da recolha de dados nos estabelecimentos prisionais de Santa Cruz do Bispo e de Aveiro dada a atual situação pandémica provocada pelo vírus SARS-CoV-2. Neste sentido, estudos futuros deverão alargar o tamanho da amostra, de forma a serem obtidos dados mais representativos e potencialmente generalizáveis. Uma outra limitação importante refere-se ao facto de terem sido aplicados apenas questionários de autorrelato, os quais podem comportar enviesamentos relacionados com a desabilidade social, a escolaridade e o próprio autoconhecimento do sujeito. Assim, estudos futuros deverão utilizar outras fontes de informação e outro tipo de dados que permitam comparações com o autorrelato dos sujeitos.

Outra limitação que se constatou ao longo deste estudo foi o facto dos reclusos presos por outros delitos que não crimes sexuais serem bastante mais novos do que os abusadores sexuais pode ter alguma influência em eventuais diferenças nos questionários. No entanto, não foi possível controlar o efeito da idade no perfil psicológico destes indivíduos avaliado pelas 4 escalas consideradas dado que a dimensão da amostra não o permitiu, ainda que a idade possa ser uma das características que diferencia estes dois tipos de reclusos. Ainda assim, é de ressaltar que os controlos apresentavam idade semelhante à idade de apresentada pelos reclusos, quaisquer que fossem os crimes pelos quais tinham sido condenados.

Deste modo este estudo apresenta-se de uma forma mais descritiva e, ainda que sejam apresentados valores-p relativos à inferência para a população de abusadores sexuais intra e extra-familiares, estes deverão ser considerados de uma forma também descritiva no sentido de ordenar diferenças entre os grupos na tentativa de os distinguir. Por esta razão não foram ajustados para comparações múltiplas o que por si só pode constituir também uma limitação a este estudo, mas que não o invalida de forma alguma.

Investigações futuras também se deveriam focar nos interesses e preferências sexuais dos participantes, de forma a compreender o impacto da pedofilia na perpretação dos abusos sexuais de menores.

Apesar destas limitações, este estudo vem acrescentar à produção nacional sobre o perfil psicológico dos abusadores sexuais nas relações intra e extrafamiliares, corroborando a investigação internacional que aponta para os abusadores sexuais extrafamiliares apresentarem uma maior tendência para a impulsividade. Para além disso, os resultados demonstraram também que os abusadores sexuais (intrafamiliares e extrafamiliares) demonstram menor impulsividade de planeamento e conscienciosidade em comparação com os reclusos condenados por delitos menores. Paralelamente, denotou-se uma diferença significativa dos resultados entre os abusadores sexuais de menores (intrafamiliares e extrafamiliares) e o grupo da comunidade, na qual apresentam diferenças significativas ao nível da depressão, hostilidade, psicoticismo, somatização, sensibilidade interpessoal, ansiedade fóbica, ideação paranoide, impulsividade, extroversão, amabilidade e conscienciosidade, o que vem demonstrar que os abusadores sexuais têm um maior número de sintomatologia psicopatológica. Estes dados remetem para a importância da investigação neste tema, de forma a apoiar o desenho de programas de prevenção de abusos sexuais e de programas de intervenção capazes de suplantar as necessidades de saúde mental de cada um destes grupos de abusadores sexuais

Referências Bibliográficas

- 1 Loinaz, I., Núria. Bigas., & Sousa. A.M. (2019). Comparing intra and extra-familial child sexual abuse in a forensic context. *Psicothema*, 31(3), 271-276. doi: 10.7334/psicothema2018.351.
- 2 Pereda, N., Guilera, G., Forns, M., & Gomez-Benito, J. (2009). The prevalence of child sexual abuse in community and student samples: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 29, 328-38. doi:10.1016/j.cpr.2009.02.007.
- 3 Taveira, F., Frazão, S., Dias, R., Matos, E., & Magalhães, T. (2009). O abuso sexual intra e extra-familiar. *Acta Médica Portuguesa*, 22(6), 759-66
- 4 Serafim, A. P., Saffi, F., Rigonatti, S. P., Casoy, I. & Barros, D. M. (2009). Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças. *Archives of Clinical Psychiatry* (São Paulo), 36(3), 101-11.
- 5 Johnson, H. C., Underwood, L. A., Baum, L. J., & Newmeyer, M. (2016). Differences in Risk Scores among Intrafamilial and Extrafamilial Sexual Offenders. *International Journal of Emergency Mental Health and Human Resilience*, 18, 1522-4821.
- 6 Ventus, D., Antfolk, J., & Salo, B. (2017). The associations between abuse characteristics in child sexual abuse: A meta-analysis. *Journal of Sexual Aggression*, 23(2), 167-180. doi: 10.1080/13552600.2017.1318963
- 7 Flaherty, E.G., Macmillan, H.L. (2013). Committee on Child Abuse and Neglect. Caregiver fabricated illness in a child: a manifestation of child maltreatment. *Pediatrics*, 132(3):590-597.
- 8 Habigzang, L. F., Koller, S. H., Azevedo, G. A., & Machado, P. X. (2005). Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: Aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(3), 341-48.
- 9 Looney, T. F. (2007). *MMPI-2 profile comparison of intrafamilial and extrafamilial sexual offenders against children*. (Dissertação de Mestrado, Pacific University, E.U.A.).
- 10 Sequeira, M. J. R. (2013). *Abuso sexual infantil – O processo de revelação do abuso sexual: Reacções paternas*. (Dissertação de Mestrado, ISPA, Lisboa).
- 11 Maria, S. G. S. (2012). *Abusos sexuais de crianças: Mudanças resultantes de uma intervenção preventiva*. (Dissertação de Doutoramento, ISPA, Lisboa).
- 12 Gekoski, A., Davidson, J. C., & Horvath, M. A. H. (2016). The Prevalence, Nature, AND impact of Intrafamilial Child sexual Abuse: Findings from a Rapid Evidence Assessment. *Journal of Criminological Research, Policy and Practice*, 2(4), 231-243.
- 13 Koçtürk N, Yüksel F. (2019) Characteristics of victims and perpetrators of intrafamilial sexual abuse. doi: 10.1016/j.chiabu.2019.104122.

- 14 Pechorro, P. S., Poiares, C. & Vieira, R. X. (2008). Caracterização psicológica de uma amostra forense de abusadores sexuais. *Análise Psicológica*, 26(4), 615-23.
- 15 Seto, M. C., Babchishin, K. M., Pullman, L. E., & McPhail, I. V. (2015). The puzzle of intrafamilial child sexual abuse: A meta-analysis comparing intrafamilial and extrafamilial offenders with child victims. *Clinical Psychology Review*, 39, 42-57.
- 16 Banse, R., Schmidt, A. F., & Clarbour, J. (2010). Indirect Measures of Sexual Interest in Child Sex Offenders: A Multimethod Approach. *Criminal Justice and Behavior*, 37(3), 319-335. doi: [10.1177/0093854809357598](https://doi.org/10.1177/0093854809357598).
- 17 David, K. M., & Archer, R.P. (2010). A critical review of objective personality inventories with sex offenders. *Journal of Clinical Psychology*, 66, 1254-1280. doi:10.1002/jclp.20722.
- 18 Glowacz, B., & Born, M. (2012). Do adolescent child abusers, peer abusers, and non-sex offenders have different personality profiles? *European Child & Adolescent Psychiatry*, 22(2). doi: [10.1007/s00787-012-0333-2](https://doi.org/10.1007/s00787-012-0333-2).
- 19 Ahlmeyer, S., Kleinsasser, D., Stoner, J., & Retzlaff, P. (2003). Psychopathology of incarcerated sex offenders. *Journal of Personality Disorders*, 17(4), 306-318. doi: [10.1521/pepi.17.4.306.23969](https://doi.org/10.1521/pepi.17.4.306.23969).
- 20 Bickley, J., & Beech, A. R. (2001). Classifying Child Abusers: Its Relevance to Theory and Clinical Practice. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 45(1). doi: [10.1177/0306624X01451004](https://doi.org/10.1177/0306624X01451004).
- 21 Seto, M. C., Babchishin, K. M., Pullman, L. E., & McPhail, I. V. (2015). The puzzle of intrafamilial child sexual abuse: A meta-analysis comparing intrafamilial and extrafamilial offenders with child victims. *Clinical Psychology Review*, 39, 42-57
- 22 Albuquerque, C. (2005). As Nações Unidas e a Proteção das crianças contra a violência.
- 23 Fávero, M. (2003). Sexualidade infantil e abusos sexuais a menores. Coimbra: *Climepsi*
- 24 Miller-Perrin, C. L., & Perrin, R. D. (1999). Child maltreatment: An introduction. Sage Publications, Inc.
- 25 Haugaard, J.J. (2000). The challenge of defining child sexual abuse. *American Psychologist*, 55(9), 1036-1039. doi: [0.1037//0003-066X.55.9.1036](https://doi.org/10.1037//0003-066X.55.9.1036).
- 26 Finkelhor, D. (2009). The prevention of childhood sexual abuse. *The Future of Children*, 19(2), 169-94.
- 27 Motz, A. (2001). Female sexual abuse of children. In A. Motz (Eds.), *The psychology of female violence: Crimes against the body* (pp. 15-58). USA and Canada: Taylor & Francis Inc.
- 28 Fleming, J. Mullen, P. E., Sibtorphe, B., & Bammer, G. (1999). The long-term impact of childhood sexual abuse in Australian women. *Child Abuse & Neglect*, 23(2), 145-59
- 29 Gwandure, C. (2007). Sexual assault in childhood: Risk HIV and AIDS behaviours in adulthood. *AIDS Care*, 19(10), 1313-15.

- 30 Martins, C. B. G., & Jorge, M. H. P. M. (2010). Abuso sexual na infância e adolescência: Perfil das vítimas e agressores em Município do Sul do Brasil. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 19(2), 246-55
- 31 Costa, C.F.P. (2011). *Abuso sexual cometido por mulheres: Um estudo de caso*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Fernando Pessoa, Porto)
- 32 Jesus, N. A. S. (2006). O círculo vicioso da violência sexual: Do ofendido ao ofensor. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 26(4), 672-83.
- 33 Carlstedt, A. (2012). *Child sexual abuse: Crimes, victims, offender characteristics, and recidivism*.(Dissertação de Doutorado, University of Gothenburg, Suécia).
- 34 Thomas, S. P., Philips, K., Clarson, K., Shieh, E., Kirkwood, E., Cabage, L. & Worley, J. (2013). Childhood experiences of perpetrators of child sexual abuse. *Perspectives in Psychiatric Care*, 49, 187-201. doi: 10.1111/j.1744 6163.2012.00349.
- 35 Libório, R. M. C., & Castro, B. M. (2010). Abuso, exploração sexual e pedofilia: as intrincadas relações entre os conceitos e o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes. In M. A. Ungaretti & E. R. Melo (Eds.), *Criança e adolescente: Direitos, sexualidades e reprodução* (1a ed., pp. 19-41). Brasil, São Paulo: ABMP.
- 36 Machado, T. F. A. (2013). *Criança vítima de pedofilia: fatores de risco e dano sofridos*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo,
- 37 Silva, C. C. P., Pinto, D. D. M., & Milani, R. G. (2013). Pedofilia, quem a comete? Um estudo bibliográfico do perfil do agressor. Paraná, Brasil: CESUMAR
- 38 Associação Americana de Psiquiatria. (2013). *Manual de Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais* (5ª ed.) doi: 10.1176/appi.books.9780890425596.807874
- 39 Itzin, C. (2001). Incest, paedophilia, pornography and prostitution: Making familial males more visible as the abusers. *Child Abuse Review*, 10, 35-48
- 40 Seto, M. C. (2008). Introduction: Defining pedophilia. In , Pedophilia and sexual offending against children: Theory, assessment, and intervention (pp. 3-22). Washington, DC, US: *American Psychological Association*. doi:10.1037/11639-001
- 41 Código Penal. (2013). (9ª edição). *Almedina*.
- 42 Mclaughlin, E., Muncie, J. (2002). The Sage dictionary of criminology. *Tijdschrift voor Criminologie*, 2, 187-189.
- 43 Kazdin, A.E., Kraemer, H.C., Kessler, R.C., Kupfer, D.J., & Offord, D.R. (1997). Contributions of risk-factor research to developmental psychopathology. *Clin Psychol Rev.* 17(4), 375-406. doi: 10.1016/s0272-7358(97)00012-3.
- 44 Andrews, D.A., & Bonta, J. (2007) The Risk-Need-Responsivity Model of Assessment and Human Service in Prevention and Corrections: Crime-Prevention Jurisprudence. *The Canadian Journal of Criminology and Criminal Justice*, 49, 439-

- 45 Loeber, R., & Farrington, D. P. (2000). Young children who commit crime: Epidemiology, developmental origins, risk factors, early interventions, and policy implications. *Development and Psychopathology*, 12(4), 737–762
- 46 Farrington, D.P. (1990). Implications of criminal career research for the prevention of offending. *Journal of Adolescence* (13)2, 93-113. doi: 10.1016/0140-1971(90)90001-N.
- 47 Lipsey, M. W., & Derzon, J. H. (1998). Predictors of violent or serious delinquency in adolescence and early adulthood: A synthesis of longitudinal research. In R. Loeber and D. P. Farrington (Eds.). *Serious and violent juvenile offenders: Risk factors and successful interventions* (pp. 86-105). Thousand Oaks, CA: Sage
- 48 Blackburn, R. (1993). Clinical Programs with Psychopaths. In K. Howells & C.R. Hollin (Eds.). *Clinical Approaches to the Mentally Disordered Offender* (pp. 179–208). West Sussex, UK: John Wiley and Sons
- 49 Long, J. D., Wuesthoff, A., & Pithers, W. D. (1989). Use of autobiographies in the assessment and treatment of sex offenders. In D. R. Laws (Ed.), *Relapse prevention with sex offenders* (pp. 88-95). New York: Guilford.
- 50 Hanson, R. K., & Morton-Bourgon, K. (2004). Public Safety and Emergency Preparedness Canada: Predictors of sexual recidivism. *Public Works and Government Services Canada*, 1-48
- 51 Reiss, A. J., & Farrington, D. P. (1991). Advancing knowledge about co-offending: Results from a prospective longitudinal survey of London males. *Journal of Criminal Law and Criminology*, 82, 360–395
- 52 Andrews, D., Bonta, J. S. & Wormith, J. (2006). The recent past and near future of risk and/or need assessment. *Crime & Delinquency*, 52 (11), 7-27
- 53 Salter, D., McMillan, D., Richards, M., Talbot, T., Hodges, J., Bentovim, A., Hastings, R., Stevenson, J., & Skuse, D. (2003). Development of sexually abusive behaviour in sexually victimized males: a longitudinal study. *The Lancet*, 361, 471-76.
- 54 Jespersen, A. F., Lalumière, M. L., & Seto, M. C. (2009). Sexual abuse history among adult sex offenders and non-sex offenders: A meta-analysis. *Child Abuse & Neglect*, 33, 179-92. doi:10.1016/j.chiabu.2008.07.004
- 55 Pereira, J. A. T. C. (2007). *Distorções cognitivas e agressão sexual: Estudo exploratório com agressores intra e extra-familiares*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto)
- 56 Vieira, S. M. A. (2010). *Ofensores sexuais: Das crenças ao estilo de pensamento*. (Dissertação de Doutoramento, Universidade do Minho)
- 57 Blake, E., & Gannon, T. A. (2008). Social perception deficits, cognitive distortions, and empathy deficits in sex offenders. *Trauma, Abuse, & Neglect*, 9, 34-55. doi:10.1177/1524838007311104

- 58 Moura, A. S., Koller, H. S. (2008). A criança na visão de homens acusados de abuso sexual: um estudo sobre distorções cognitivas. *Psico USF*, 13(1), 85-94
- 59 Fitch, J. H. (1962). Men convicted of sexual offences against children: A descriptive follow up study. *British Journal of Criminology*, 3(1), 18–37
- 60 Simons, D. A., Tyler, C. (2010). The self-regulation and good lives models: Analysis of primary goods and offender type. Symposium presented at the 29th Annual Conference of the Association for the Treatment of Sexual Abusers, Phoenix, AZ
- 61 Lã-Branca, N. S. C. (2012). *Caracterização psicopatológica de agressores sexuais: Violadores e agressores sexuais de crianças*. (Dissertação de Mestrado, ISPA, Lisboa)
- 62 Groth, N. A. (1979). Men who rape: The psychology of the offender. New York: Plenum
- 63 Passarinho, M. (2015). *O fenómeno do abuso sexual de crianças: O abusador intrafamiliar e o extrafamiliar*. (Dissertação de Mestrado- ISPA).
- 64 Balbinotti, C. (2008). *A violência sexual infantil intrafamiliar: A revitimização da criança e do adolescente vítimas de abuso*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil)
- 65 Cunha, M. (2003). *Crimes sexuais contra crianças e jovens. In Cuidar da Justiça de crianças e jovens - a função dos juízes sociais*. Actas do Encontro, 189-227. Coimbra: Almedina.
- 66 Furlan, F., Tank, J. A., Schnell, L. C., & Cyrino, L. A. R. (2011). Violência sexual infantil: A dialética abusador/abusado e o sistema de enfrentamento. *Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI*, 7(13), 198-208.
- 67 Nakatani, F. M. (2012). *Abuso sexual intrafamiliar contra a criança: Entre o Direito e a Psicologia*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Brasil).
- Passarinho, M. C. B. T. (2015). *O Fenómeno do Abuso Sexual de crianças: O Abusador Intrafamiliar e o Extrafamiliar*. (Dissertação de Mestrado, ISPA, Lisboa).
- 68 Manita, C. (2003.) Quando as portas se abrem...; do impacto psicológico ao testemunho de crianças vítimas de abuso sexual *In Sottomayor, M.; Silva, A.; Fonseca, A. & Fernandes, L. (Coords), Cuidar da justiça de crianças e jovens: A função dos juízes sociais: Actas do encontro*. Coimbra: Almedina
- 69 Machado, C. (2003). Abuso sexual de crianças. *In Machado, C. & Gonçalves, R. A. (Coords.) Violência e Vítimas de Crimes*, Coimbra : Quarteto
- 70 Alberto, I. (2004). *Maltrato e trauma na infância*. Coimbra: Almedina.
- 71 Wakeling, H. C., Webster, S., Moulden, H. M., & Marshall, W. L. (2007). Decisions to offend in men who sexually abuse their daughters. *Journal Of Sexual Aggression*, 13(2), 81-99. doi:10.1080/13552600701521330

- 72 Baptista, R. S., França, I. S. X., Costa, C. M. P., & Brito, V. R. S. (2008). Caracterização do abuso sexual em crianças e adolescentes notificado em um Programa Sentinela. *Ata Paulista de Enfermagem*, 21(4), 602-608.
- 73 Pineda-Lucatero, A. C., Trujillo-Hernández, B., Millán-Guerrero, R. O., & Vásquez, C. (2009). Prevalence of childhood sexual abuse among Mexican adolescents. *Child: Care, Health & Development*, 35(2), 184-89.
- 74 Quadara, A., Nagy, V., Higgins, D., & Siegel, N. (2015). Conceptualizing the prevention of child sexual abuse: Final report (Research report number 33). Melbourne: *Australian Institute of Family Studies*.
- 75 Smallbone, S. W. & Wortley, R. K. (2001). Child sexual abuse: Offender characteristics and modus operandi, No. 193. Canberra: *Australian Institute of Criminology Trends and Issues in Crime and Criminal Justice*.
- 76 Crosson-Tower, C. (2005). Extrafamilial sexual abuse, misuse, and exploitation. In *Understanding child abuse and neglect* (pp. 180-211).
- 77 Rodrigues, H. (2017). *A pedofilia e suas narrativas. Uma Genealogia do Processo de Criminalização da Pedofilia no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco.
- 78 Rebocho, M. F., & Gonçalves, R. A. (2011). Comportamento predatório e modus operandi de violadores e abusadores sexuais de menores. *Investigação Criminal*, 2, 10-29.
- 79 Seto, M. C., & Lalumière, M. L. (2010). What is so special about male adolescent sexual offending? A review and test of explanations through meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 136(4), 525-75. doi: 10.1037/a0019700
- 80 Canavarro, M. C. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos: BSI. In M. R. Simões, M. Gonçalves, & L. S. Almeida (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal* (vol. II, pp. 87-109). Braga: SHO/APP ORT.
- 81 Pedroso-Lima, M., Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A.J., Costa, J.J., & Costa, M.J. (2014). A versão portuguesa do NEO-FFI: caracterização em função da idade, género e escolaridade. *Associação Portuguesa de Psicologia*, 28(2), 1-10.
- 82 Cruz, A., & Barbosa, F. (2012). BIS: Escala de Impulsividade de Barratt. Unpublished instrument. Retrieved from http://www.impulsivity.org/measurement/BIS_11%20PT_Euro.pdf.
- 83 Seara-Cardoso, A., Queirós, M., Fernandes, F., Coutinho, J., & Neumann, C. (2019). Psychometric Properties and Construct Validity of the Short Version of the Self Report Psychopathy Scale in a Southern European Sample. *Journal of Personality Assessment*. DOI: 10.1080/00223891.2019.1617297
- 84 Derogatis, L. R. (1993). *BSI: Brief Symptom Inventory* (3rd ed.). Minneapolis: National Computers Systems.
- 85 Gonçalves, M.M., Simões, M. R., Almeida, L.S. (2007). *Introdução: Avaliação Psicológica em Psicologia Clínica e da Saúde*. PACTOR

- 86 Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). The five-factor model of personality and its relevance to personality disorders. *Journal of Personality Disorders*, 6(4), 343–359
- 87 Patton, J.H., Stanford, M.S. and Barratt, E.S. (1995), Factor structure of the barratt impulsiveness scale. *J. Clin. Psychol.*, 51: 768-774. [https://doi.org/10.1002/1097-4679\(199511\)51:6<768::AID-JCLP2270510607>3.0.CO;2-1](https://doi.org/10.1002/1097-4679(199511)51:6<768::AID-JCLP2270510607>3.0.CO;2-1)
- 88 Mahmut, M. K., Menictas, C., Stevenson, R. J., & Homewood, J. (2011). Validating the factor structure of the Self-Report Psychopathy Scale in a community sample. *Psychological Assessment*, 23(3), 670–678. <https://doi.org/10.1037/a0023090>
- 89 Moeller, F. G., Barrat, E. S., Dougherty, D. M., Schmitz, J. M., & Swann, A. C. (2001). Psychiatric aspects of impulsivity. *Am J Psychiatric*, 158(11), 1783-93.

ANEXOS

ANEXO 1

Hypothesis Test Summary

	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The distribution of BSI Somatização is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,762 ^a	Retain the null hypothesis.
2	The distribution of BSI Obsessões-compulsões is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,476 ^a	Retain the null hypothesis.
3	The distribution of BSI Sensibilidade interpessoal is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,352 ^a	Retain the null hypothesis.
4	The distribution of BSI Depressão is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,762 ^a	Retain the null hypothesis.
5	The distribution of BSI Ansiedade is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,610 ^a	Retain the null hypothesis.
6	The distribution of BSI Hostilidade is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,476 ^a	Retain the null hypothesis.
7	The distribution of BSI Ansiedade Fóbica is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,257 ^a	Retain the null hypothesis.
8	The distribution of BSI Ideação paranoide is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,610 ^a	Retain the null hypothesis.
9	The distribution of BSI Psicoticismo is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,914 ^a	Retain the null hypothesis.
10	The distribution of NEO-FFI Neuroticismo is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,762 ^a	Retain the null hypothesis.
11	The distribution of NEO-FFI Extroversão is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,352 ^a	Retain the null hypothesis.
12	The distribution of NEO-FFI Abertura à experiência is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,352 ^a	Retain the null hypothesis.
13	The distribution of NEO-FFI Amabilidade is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,171 ^a	Retain the null hypothesis.
14	The distribution of NEO-FFI Conscienciosidade is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,038 ^a	Reject the null hypothesis.
15	The distribution of BIS11 Impulsividade motora is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,114 ^a	Retain the null hypothesis.
16	The distribution of BIS11 Impulsividade emocional is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,114 ^a	Retain the null hypothesis.

1 7	The distribution of BSI11 Impulsividade de planeamento is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,257 ^a	Retain the null hypothesis.
1 8	The distribution of SRP-SF Manipulação interpessoal is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,352 ^a	Retain the null hypothesis.
1 9	The distribution of SRP-SF Estivo afectivo (insensibilidade afectiva) is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,352 ^a	Retain the null hypothesis.
2 0	The distribution of SRP-SF Estivo comportamental (estilo de vida desviante) is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,476 ^a	Retain the null hypothesis.
2 1	The distribution of SRP-SF Estivo antissocial (comportamento antissocial) is the same across categories of Grupo.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,352 ^a	Retain the null hypothesis.

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,050.

a. Exact significance is displayed for this test.

ANEXO 2

Hypothesis Test Summary

	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The distribution of BSI Somatização is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,492 ^a	Retain the null hypothesis.
2	The distribution of BSI Obsessões-compulsões is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,313 ^a	Retain the null hypothesis.
3	The distribution of BSI Sensibilidade interpessoal is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,147 ^a	Retain the null hypothesis.
4	The distribution of BSI Depressão is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,428 ^a	Retain the null hypothesis.
5	The distribution of BSI Ansiedade is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,792 ^a	Retain the null hypothesis.
6	The distribution of BSI Hostilidade is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,562 ^a	Retain the null hypothesis.
7	The distribution of BSI Ansiedade Fóbica is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,181 ^a	Retain the null hypothesis.
8	The distribution of BSI Ideação paranoide is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,713 ^a	Retain the null hypothesis.
9	The distribution of BSI Psicoticismo is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,220 ^a	Retain the null hypothesis.
10	The distribution of NEO-FFI Neuroticismo is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,958 ^a	Retain the null hypothesis.
11	The distribution of NEO-FFI Extroversão is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,368 ^a	Retain the null hypothesis.
12	The distribution of NEO-FFI Abertura à experiência is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,792 ^a	Retain the null hypothesis.
13	The distribution of NEO-FFI Amabilidade is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,263 ^a	Retain the null hypothesis.

1 4	The distribution of NEO-FFI Conscienciosidade is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,093 ^a	Retain the null hypothesis .
1 5	The distribution of BIS11 Impulsividade motora is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,147 ^a	Retain the null hypothesis .
1 6	The distribution of BSI11 Impulsividade emocional is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,313 ^a	Retain the null hypothesis .
1 7	The distribution of BSI11 Impulsividade de planeamento is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,031 ^a	Reject the null hypothesis .
1 8	The distribution of SRP-SF Manipulação interpessoal is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,792 ^a	Retain the null hypothesis .
1 9	The distribution of SRP-SF Estivo afectivo (insensibilidade afectiva) is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,428 ^a	Retain the null hypothesis .
2 0	The distribution of SRP-SF Estivo comportamental (estilo de vida desviante) is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,713 ^a	Retain the null hypothesis .
2 1	The distribution of SRP-SF Estivo antissocial (comportamento antissocial) is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,562 ^a	Retain the null hypothesis .

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,050.

a. Exact significance is displayed for this test.

ANEXO 3

Hypothesis Test Summary

	Null Hypothesis	Test	Sig.	Decision
1	The distribution of BSI Somatização is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,067 ^a	Retain the null hypothesis .
2	The distribution of BSI Obsessões-compulsões is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,171 ^a	Retain the null hypothesis .
3	The distribution of BSI Sensibilidade interpessoal is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,067 ^a	Retain the null hypothesis .
4	The distribution of BSI Depressão is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,038 ^a	Reject the null hypothesis .
5	The distribution of BSI Ansiedade is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,257 ^a	Retain the null hypothesis .
6	The distribution of BSI Hostilidade is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,038 ^a	Reject the null hypothesis .
7	The distribution of BSI Ansiedade Fóbica is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,067 ^a	Retain the null hypothesis .
8	The distribution of BSI Ideação paranoide is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,067 ^a	Retain the null hypothesis .
9	The distribution of BSI Psicoticismo is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,019 ^a	Reject the null hypothesis .
10	The distribution of NEO-FFI Neuroticismo is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,114 ^a	Retain the null hypothesis .
11	The distribution of NEO-FFI Extroversão is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,010 ^a	Reject the null hypothesis .
12	The distribution of NEO-FFI Abertura à experiência is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,257 ^a	Retain the null hypothesis .
13	The distribution of NEO-FFI Amabilidade is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,010 ^a	Reject the null hypothesis .

1 4	The distribution of NEO-FFI Conscienciosidade is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,010 ^a	Reject the null hypothesis .
1 5	The distribution of BIS11 Impulsividade motora is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,067 ^a	Retain the null hypothesis .
1 6	The distribution of BSI11 Impulsividade emocional is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,114 ^a	Retain the null hypothesis .
1 7	The distribution of BSI11 Impulsividade de planeamento is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,762 ^a	Retain the null hypothesis .
1 8	The distribution of SRP-SF Manipulação interpessoal is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,114 ^a	Retain the null hypothesis .
1 9	The distribution of SRP-SF Estivo afectivo (insensibilidade afectiva) is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,114 ^a	Retain the null hypothesis .
2 0	The distribution of SRP-SF Estivo comportamental (estilo de vida desviante) is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,171 ^a	Retain the null hypothesis .
2 1	The distribution of SRP-SF Estivo antissocial (comportamento antissocial) is the same across categories of Agressores sexuais.	Independent-Samples Mann-Whitney U Test	,171 ^a	Retain the null hypothesis .

Asymptotic significances are displayed. The significance level is ,050.

a. Exact significance is displayed for this test.